

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ- CCIIm
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA

SHEILA CRISTINA OLIVEIRA E SILVA CARDOSO

JORNALISMO E PEDAGOGISMO DE
NASCIMENTO MORAES EM *A HORA* (1928)

IMPERATRIZ - MA

2023

SHEILA CRISTINA OLIVEIRA E SILVA CARDOSO

**JORNALISMO E PEDAGOGISMO DE
NASCIMENTO MORAES EM A *HORA* (1928)**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção
do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Mariléia Santos Cruz da
Silva

IMPERATRIZ - MA

2023

SHEILA CRISTINA OLIVEIRA E SILVA CARDOSO

JORNALISMO E PEDAGOGISMO DE
NASCIMENTO MORAES EM *A HORA* (1928)

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção
do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Ma. Claudia Silva Lima

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cardoso, Sheila Cristina Oliveira e Silva.

JORNALISMO E PEDAGOGISMO DE NASCIMENTO MORAES EM A HORA
1928 / Sheila Cristina Oliveira e Silva Cardoso. - 2023.
69 f.

Orientador(a): Mariléia Santos Cruz da Silva.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Educação. 2. Intelectual negro. 3. Jornalismo. 4.
Nascimento Moraes. I. Silva, Mariléia Santos Cruz da. II.
Título.

A minha amada mãe, Ozinete Oliveira (*in memoriam*),
que me inspirou a seguir a carreira docente...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por seu imenso amor. E por ser a luz que conduz a minha caminhada, os meus projetos e sonhos.

Aos meus filhos Ivie Silva Cardoso e Ian Silva Cardoso, que estiveram ao meu lado com amor e carinho, alegrando minha vida.

Ao meu esposo Marcelo Sousa Cardoso, amigo e companheiro, que de uma forma especial sempre esteve me apoiando.

À minha querida orientadora Mariléia Santos Cruz, uma mestra com quem muito pude aprender, em suas valiosas orientações. Dessa experiência, ficará como legado o seu exemplo de dedicação, humildade e força.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa, possibilitando minha dedicação exclusiva a mesma.

A todos os professores do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão, pela colaboração em formar pedagogos comprometidos com o seu campo de atuação profissional e com a sociedade.

Às minhas amigas da graduação para a vida: Cristiane Neves, Juliana Paixão, Poliany Franco, Sara Pereira e Emanuela Gomes, pela companhia e amizade que, sem dúvidas, fizeram com que as dificuldades fossem enfrentadas com mais leveza e sorriso, proporcionando que a vivência acadêmica se eternizasse em nossas memórias.

Ao meu querido amigo Welington, que me acolheu com muito carinho e receptividade no grupo de pesquisa, tornando minha experiência única e muito proveitosa.

À turma 2017.2 do Curso de Pedagogia da Universidade Federal, na qual tive a oportunidade de conviver com pessoas que possuem uma garra admirável.

Aos meus (compadres, afilhadas, irmãs, sobrinhos, pai, sogra, cunhada *in memoriam* e amigos...) que torcem pelo meu sucesso profissional e se alegram com as minhas conquistas, deixo a minha eterna gratidão e o meu abraço.

“Eu esperava que depois do 13 de maio, por que trabalhei tanto; depois do 15 de novembro, com que me alegrei bastante; esperava que houvesse uma renovação social. Errônea ou acertadamente eu cuidava que a pública administração com luzes mais fortes e puras, tomasse outro caminho que não esse que hoje nos infelicitá”.

Nascimento Moraes

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o acervo do jornal *A Hora* (1928), disponível na Biblioteca Pública Benedito Leite, contemplando aspectos pré-textuais e textuais do impresso, visando ao conhecimento sobre o jornalismo e o pedagogismo de Nascimento Moraes no final da segunda década do século XX. A metodologia da pesquisa contemplou os seguintes procedimentos: revisão de literatura, identificação dos volumes do jornal *A Hora* no acervo físico da Biblioteca Pública Estadual Benedito Leite, e análise de 603 arquivos de imagem do jornal *A Hora* do ano de 1928, sendo este estudo, fruto de pesquisa histórica de caráter indiciário e documental. A revisão de literatura considerou as seguintes obras principais: Krilow (2019), Machado (1996), Capelato (1988), Cellard (2008), Gomes (2015), Cruz (2016, 2020, 2021, 2022a, 2022b), Meireles (2001), Fernandes (2003) e Pereira (2018). O estudo está organizado em duas seções. A primeira contempla uma análise sobre o jornalismo de Nascimento Moraes no jornal *A Hora*, com especial destaque aos seus posicionamentos políticos, polêmicas e seus pseudônimos. A segunda seção aborda os posicionamentos pedagógicos de Nascimento Moraes, contemplando sua visão sobre o estado da instrução pública e sua recorrente defesa da escolarização obrigatória e pública para crianças pobres. Os resultados do estudo demonstram que o jornal *A Hora* (1926-1928) foi um periódico de bastante destaque de Nascimento Moraes como jornalista combativo já conhecido em jornais anteriores. Durante sua passagem por este jornal, Nascimento Moraes se consolidou como notável polemista, vista a forma como combatia as implicações impostas por seus adversários, dando-lhes respostas precisas e fundamentadas em provas. Apesar de combativo, Nascimento Moraes demonstra um jornalismo de conciliação com o governo de Magalhães de Almeida, deixando de se comportar como jornalista de oposição. No *A Hora*, Nascimento Moraes chama atenção pela defesa de uma sociedade mais justa e igualitária, destacando-se na luta pela educação dos menos favorecidos, o que era uma marca de sua preocupação quando o assunto era educação.

Palavras-chave: Nascimento Moraes; intelectual negro; educação; jornalismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O JORNALISMO DE NASCIMENTO MORAES NO A HORA	15
1.1 Jornal <i>A Hora</i> (1926-1929)	17
1.2 Homens de letras, políticos e jornalistas no <i>A Hora</i>	24
1.3 Nascimento Moraes e seus posicionamentos políticos no jornal <i>A Hora</i> ...	32
1.3.1 Polêmicas	36
1.3.2 Nascimento Moraes e seus pseudônimos em <i>A Hora</i>	40
2 O PEDAGOGISMO DE NASCIMENTO MORAES NO A HORA	44
2.1 A Educação Pública na administração Magalhães de Almeida no <i>A Hora</i>	46
2.2 Defesa da escolarização das crianças pobres	48
2.3 Descontentamento de Nascimento Moraes com o Diretor Geral da Instrução Pública	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
FONTES	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	58
ANEXO 1: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 1	58
ANEXO 2: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 2	59
ANEXO 3: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 3	60
ANEXO 4: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 4	61
ANEXO 5: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 5	62
ANEXO 6: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 6	63
ANEXO 7: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 7	64
ANEXO 8: Imagem da primeira edição do jornal <i>A Hora</i> , página 8	65
ANEXO 9: Artigo em homenagem a Antonio Lobo, assinado por Valério Santiago	66

ANEXO 10: Artigo em crítica a fala de Fran Paxeco acerca do título maranhense de “Atenas Brasileira”	67
ANEXO 11: I Artigo em crítica a Luis Vianna quanto a sua atuação frente ao cargo de Diretor da Instrução Pública	68
ANEXO 12: II Artigo em crítica a Luis Vianna quanto a sua atuação frente ao cargo de Diretor da Instrução Pública	69
ANEXO 13: III Artigo em crítica a Luis Vianna quanto a sua atuação frente ao cargo de Diretor da Instrução Pública	70

INTRODUÇÃO

José do Nascimento Moraes foi um importante intelectual negro maranhense, nascido em São Luís do Maranhão, no dia 19 de março de 1882, e falecido em 22 de fevereiro de 1958, aos 76 anos. Filho de Manoel do Nascimento Moraes, negro, analfabeto, sapateiro e ex-combatente da Guerra do Paraguai, e de Maria Catarina Vitória, ex-escrava e feirante (CARDOSO, 2013, p. 99).

Cursou seu ensino primário particular e prosseguiu seus estudos no Liceu Maranhense, escola de grande referência na época (CRUZ, 2022a). Segundo Machado (1996), iniciou suas atividades jornalísticas sob a orientação e o incentivo do professor Manuel Bethencourt, preceptor de jovens, conhecido largamente na sociedade maranhense por promover discussões literárias a partir das leituras de Tolstoi, Turgueniev, Ibsen, Strindberg, Dickens, Zola e Eça de Queirós (MACHADO, 1996, p. 36).

Detentor de grande força de vontade e desejo de vencer, Machado (1996) aponta que Nascimento Moraes não precisou passar pelos bancos da universidade, conquistou esse mérito pelo seu “autodidatismo feroz”, o que não o impediu de se tornar professor do renomado Liceu Maranhense, aprovado no concurso para a cátedra de Geografia, ao concorrer com os irmãos Antônio e Raimundo Lopes, grandes pesquisadores e críticos da história. “Professor, foi-o ainda de português e história, como também de matemática, na Escola Normal” (MACHADO, 1996, p. 48).

Atuou como presidente da Academia Maranhense de Letras e, em sua ampla obra intelectual publicada nas páginas dos principais jornais maranhenses, empenhou-se na defesa de uma sociedade mais justa e igualitária, destacando-se na luta pela educação dos menos favorecidos. Não se curvou diante dos que não reconheciam a grandeza de seu trabalho. Seu compromisso não era com o individual e, sim, com o coletivo, “que só dispunha de uma arma, a inteligência, legando-nos o exemplo excepcional de uma vitória revolucionária contra o preconceito da cor e da riqueza [...]” (MOREIRA, 2000, s.p.).

Em pesquisa anterior, “Pensamento Pedagógico do Professor José do Nascimento Moraes na primeira metade do Século XX”, na qual iniciei minha trajetória como bolsista de iniciação científica, foram identificados, fotografados e digitados 500 textos publicados por Nascimento Moraes nos diversos jornais por onde exerceu o jornalismo na primeira metade do século XX. Todavia, dentre os jornais consultados, não foi possível o acesso ao jornal A

Hora, que funcionou de 1926 até meados de 1929, do qual se tornou proprietário, quando já desfrutava de maturidade, com 44 anos.

Embora Nascimento Moraes tenha tido uma participação ativa no meio cultural, político, na imprensa e na educação, ainda tem recebido pouco destaque entre os mais importantes pensadores do Maranhão. Desta forma, neste estudo, procuramos investigar a trajetória profissional de Nascimento Moraes, a partir das seguintes questões norteadoras:

- Quais as contribuições intelectuais e pedagógicas do professor José do Nascimento Moraes a partir de seus escritos no jornal *A Hora*?
- Que posicionamentos Nascimento Moraes apresentava por meio do impresso, em relação aos grupos políticos e econômicos?
- Que ideias Nascimento Moraes defendia sobre educação por meio do jornal *A Hora*?

Nesse sentido, esta pesquisa objetivou analisar o acervo do jornal *A Hora* (1928), disponível na Biblioteca Pública Benedito Leite, contemplando aspectos pré-textuais e textuais do impresso, visando ao conhecimento sobre o jornalismo e o pedagogismo de Nascimento Moraes, no final da segunda década do século XX. De forma mais específica, buscou-se identificar volumes do jornal *A Hora* no acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite, classificar os textos produzidos por Nascimento Moraes entre os que tratam das concepções pedagógicas, história e política educacional do Maranhão, e analisar ideias difundidas por ele por meio do jornal, em relação a grupos políticos e econômicos.

Assim sendo, este estudo, fruto de pesquisa histórica de caráter indiciário e documental, torna-se relevante na medida em que contribuirá para a visibilidade de um professor e jornalista negro que exerceu protagonismo na história do jornalismo, da literatura e da educação maranhenses. Como princípio investigativo, inspiramo-nos no paradigma indiciário, orientando-nos pela busca de pistas que permitissem decifrar e compreender a realidade daquele dado momento, delineando hipóteses que vinculassem as experiências e as condições particulares de atuação de Nascimento Moraes no dado contexto histórico e cultural.

Conforme Leandro e Passos (2021), inspirado pelo paradigma indiciário, o pesquisador opera com alusões ao passado e lapsos de memória do narrador, o qual, em seu relato, revela o apego à tradição, o que o situa como ser histórico.

Sobre o uso de documentos em pesquisas, este deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações, que deles podemos extrair e resgatar, justifica o seu uso em várias áreas de atuação, visto que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (CELLARD, 2008). Neste estudo, os jornais são os documentos privilegiados de análise e se constituem como as principais fontes utilizadas.

Na atualidade, é fato que os jornais e a imprensa em geral contribuem de maneira significativa para a construção historiográfica. Pesquisadores têm aprimorado os caminhos que permitem a leitura do passado através dessas fontes, muito embora nem sempre tenha sido desta forma. Segundo Krilow (2019), até os anos de 1970, era rejeitada a possibilidade do uso da imprensa como fonte histórica, por considerar-se prejudicado o caráter objetivo do conhecimento científico, já que ao jornal se atribui parcialidade, dado ao atrelamento a interesses de grupos particulares. No Brasil, segundo Capelato (1988, p. 21):

Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade.

As duas posturas devem ser contestadas, pois jornais não são meros transmissores imparciais e muito menos fontes desprezíveis, devem ser relacionados com o contexto histórico em que foram produzidos sempre levando em consideração outras fontes. Os jornais caracterizam-se como importantes fontes históricas, visto que:

[...] oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana. Os costumes e práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia a dia estão registrados em suas páginas. Neste tipo de abordagem o pesquisador pode recorrer às colunas sociais, aos “faits divers”, às ilustrações, às caricaturas e

às diferentes seções de entretenimento. O noticiário tem grande importância para as investigações históricas. É utilizado nas análises econômicas, nos estudos sobre as condições de vida, relações e lutas sociais etc. (CAPELATO, 1988, p. 34).

Atentando para os cuidados metodológicos voltados para análise de jornais como objeto de pesquisa apresentados por Krilow (2019), primeiramente, foi necessário que se fizesse a revisão de literatura com destaque a obras que contemplassem a história da imprensa no Maranhão. Dentre as consultadas, podemos citar o *Catálogo de Jornais Maranhenses do Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite*, o qual nos viabilizou delimitar cronologicamente outros jornais que poderiam conter informações significativas para a construção da história do jornal “*A Hora*”. Utilizamos também os textos de Machado (1996), Gomes (2015) e Cruz (2016, 2020, 2021, 2022), os quais contemplam parte da carreira intelectual do sujeito da nossa pesquisa, professor Nascimento Moraes. Além das obras já citadas, também consultamos os escritos de Meireles (2001), Fernandes (2003) e Pereira (2018), que nos trazem informações riquíssimas sobre o contexto histórico e político do período estudado, dentre outros.

Embora o plano de trabalho inicial visasse à análise dos volumes que compõem todo o período de vigência do jornal, ao visitarmos o acervo físico da Biblioteca Pública Benedito Leite, constatamos que os anos de 1926 e 1927, disponíveis apenas em material microfilmado, infelizmente sofreram danos irreversíveis devido à ação do tempo e se tornaram ilegíveis. Por esse motivo, nossa pesquisa delimitou-se apenas no ano de 1928, haja vista possuir exemplares disponíveis em papel.

Ao todo, foram analisadas 603 imagens do jornal *A Hora*, reproduzidas através de registros fotográficos, feitos por meio de câmera fotográfica digital e de aparelho celular. Além, também, do primeiro exemplar do periódico, de 1926 (ANEXOS 1-8), o qual foi reproduzido através de uma pequena parte do material microfilmado que se manteve sem danos.

De posse de todas as informações prévias, passamos ao passo seguinte: investigar a história do jornal *A Hora*. A princípio, utilizamos o sítio da hemeroteca da Biblioteca Nacional, onde fizemos a busca do título do jornal em outros periódicos da época já previamente delimitados com o auxílio do catálogo, posteriormente, também fizemos uso das próprias informações dispostas no impresso.

Para expor o conhecimento construído nesta investigação, esta monografia está estruturada em duas seções. A primeira contempla uma análise sobre o jornalismo de Nascimento Moraes no jornal *A Hora*, com especial destaque aos seus posicionamentos políticos, polêmicas e seus pseudônimos. A segunda seção aborda os posicionamentos pedagógicos de Nascimento Moraes, contemplando sua visão sobre o estado da instrução pública e sua recorrente defesa da escolarização obrigatória e pública para crianças pobres.

1 O JORNALISMO DE NASCIMENTO MORAES NO A HORA

Foi em sua longa trajetória pelos principais jornais maranhenses que José do Nascimento Moraes deixou registrada a sua maior contribuição à intelectualidade maranhense. Era um jornalista seduzido pela escrita, conforme Araújo (2011, p. 15): “Gostava de tê-la como arma e como casa, com ela se defendia e atacava, sob ela se abrigava. Dos seus quase oitenta anos de existência, mais de cinquenta foram dedicados ao labor jornalístico, usufruindo de seus reveses e de suas honras”.

Em sua carreira, foi voz ativa frente ao jornalismo político e esteve envolvido em diversas polêmicas, firmando-se como um jornalista opositor e polemista. Iniciou seu percurso jornalístico bem cedo, quando tinha apenas dezesseis anos, em 1898, escrevendo crônicas no jornal *Pacotilha*, sob a orientação literária de um dos maiores jornalistas da época, o professor Manoel de Béthencourt (CRUZ, 2021).

Segundo Matos (2021, p. 398),

O jornal *Pacotilha* é um dos mais longevos exemplos de jornais maranhenses [...] Entre idas e vindas, contou 58 anos de existência, cruzou os séculos e foi um dos registradores e divulgadores midiáticos da transformação pela qual passou a capital do Maranhão. Foi também um jornal inovador, destacando-se como o primeiro jornal diário do Maranhão.

Sendo fundado no ano de 1880 por Victor Lobato e dirigido por um longo período por Agostinho Reis (FONSÊCA *et al.*, 2008 *apud* MATOS, 2021).

Após deixar a redação da *Pacotilha*, em 1902, Nascimento Moraes passou a colaborar no jornal *A Campanha*, o qual era dirigido por Inácio Raposo¹; saiu desta folha para fundar e compor o corpo redacional de *A Imprensa* em 1906. Em 1907, colaborou no jornal *O Maranhão*, e em 1908, fundou seu primeiro jornal, *A Pátria*, sendo que todos os jornais citados acima faziam oposição ao governo vigente.

A partir de então, foi extensa sua trajetória jornalística, fundando e dirigindo vários jornais, como: *Diário de São Luiz*, *Diário do Maranhão*, *O momento*, *O Jornal*, *Diário da*

¹ Ignácio Raposo foi um jornalista, poeta e literato, além de professor em faculdades de Filosofia e de Direito. Trabalhou intensamente na imprensa, seja como redator, seja publicando crônicas, poesias e comentários literários nos jornais *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *A Política*, *Jornal do Brasil*, *Pacotilha*, dentre outros. Escreveu também para o teatro de revista, em parceria com Catulo da Paixão Cearense, com quem concebeu a peça teatral de grande sucesso em 1915 intitulada *O marroeiro*. Além disso, Ignácio Raposo foi professor na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro entre os anos de 1922 e 1927, onde ministrou aulas de sociologia e metafísica (MONTEIRO, 2016).

Noite, Regeneração, Correio da Tarde, Folha do Povo, A Hora, O Globo, Tribuna e Notícias. Também foi diretor da Imprensa Oficial e marcou sua passagem naquela oficina com brilhantes artigos que ocupavam a primeira página do *Diário Oficial*. Foi também redator-chefe do *Diário do Norte, Atenas* (revista de J. Pires) e *O Imparcial*. (PACOTILHA, n. 132, 10 jun. 1954, p. 4).

Na década de 1920, Nascimento Moraes já havia se consagrado profissionalmente e se encontrava como editor-chefe do *Diário de São Luiz* e colaborador na *Pacotilha*, para a qual retornara a convite de Agostinho Reis², desde o final de 1919.

O *Diário de São Luiz*³ foi um periódico noticioso, crítico e de propaganda, com publicações seis vezes por semana, que iniciou a circulação em 16 de outubro de 1920. O jornal trazia um programa de luta e de reivindicações democráticas no sentido do bem público. Disponha de serviços telegráficos, criticava as obras públicas e a politicagem. Foi dirigido por J. Pires, de 16 outubro de 1920 até 20 de abril de 1923, quando o jornal passou a ser de propriedade dos comerciantes Wilson Soares, Antônio Chaves e Oswaldo Soares, formando a sociedade Soares & Chaves (NASCIMENTO, 2007).

Saiu do *Diário de São Luiz*, em 1925, quando esse jornal deixou de circular, onde esteve como editor-chefe desde a fundação, em 1920. No período em que foi editor-chefe do *Diário de São Luiz*, enfrentou duas polêmicas nas quais os debatedores manifestavam-se por meio do mesmo jornal, a *Folha do Povo*, que era de propriedade do médico Tarquínio Lopes Filho, fundado em junho de 1923 (CRUZ, 2021).

Durante sua passagem por este jornal, Nascimento Moraes ficou conhecido como notável polemista, vista a forma como combatia as implicações impostas por seus adversários, dando-lhes respostas precisas e fundamentadas em provas. Quando saiu desta folha, deu continuidade a seu trabalho combativo atuando como redator-chefe do jornal *A Hora*.

Nascimento Moraes atuou no jornal *A Hora* desde sua inauguração, em 1926, até o encerramento de suas atividades em 1929, onde a princípio ocupou o cargo de redator-chefe e,

² Agostinho Reis nasceu em 23 de junho de 1877, em Alcântara, Maranhão. Foi jornalista, gerente e administrador, alma da *Pacotilha*. Trabalhou também no *Federalista*, órgão do Partido Republicano que obedecia à chefia redacional de Torquato Tasso Coelho de Sousa. Também foi funcionário postal por alguns anos, mas, por motivos de independência moral, pediu demissão do cargo. Foi poeta singelo, de versos líricos admiráveis, os quais foram publicados na revista “Philomalia”, onde colaborou seu mestre Manoel de Bethencourt. Faleceu em São Luís em 3 de novembro de 1924, aos 44 anos (PACOTILHA, n. 249, 4 nov. 1924, p. 1).

³ Esse jornal possui alguns exemplares disponíveis em papel dos anos de 1921, 1923, 1924, 1925 e 1951, além de material microfilmado com exemplares de 1920 a 1925 e de 1945 a 1950, os quais podem ser encontrados na Biblioteca Pública Estadual Benedito Leite.

mais tarde, em junho de 1928 tornou-se seu proprietário. Seu conhecimento vasto sobre o que se passava em sua terra e no mundo permitiu-lhe escrever sobre os mais variados assuntos.

1.1 Jornal *A Hora* (1926-1929)

Entre 1926 e 1929, circulou em São Luís *A Hora*, jornal crítico e noticioso, de propriedade da firma Santiago e Ayres. A equipe desta folha era composta por Joaquim Ayres, no cargo de gerente, Eydher Pestana, que ocupava o cargo de secretário, e como redator-chefe constava Nascimento Moraes. A primeira edição saiu em 28 de julho de 1926 e foi descrita pelo *O Imparcial*, da seguinte forma:

Tem o formato do antigo *Diário de São Luiz*. Insere na primeira página o artigo de apresentação “Do Pórtico”. Um dos tópicos marcantes do tirocínio que vai fazer é o seguinte: “Hoje não se admite mais oposições a um governo, fazendo-se increpações ao político ou estadista que o preside. As oposições partidárias ou puramente jornalísticas dirigem-se mais a princípios, a praxes, adoptados pelos governos influenciados pela ação deletéria do meio em que ele se estabeleceu, pela atmosfera criada involuntária ou inconscientemente pelas correntes políticas que lhe atuam na diretriz” (O IMPARCIAL, n. 75, 29 jul. 1926, p. 7, grifos do autor).

À primeira vista, observa-se que *A Hora* exibia traços característicos que o remetiam ao então extinto *Diário de São Luiz* (1925); as particularidades figuravam em especial no tocante à apresentação da folha, decerto acentuadas pelo fato de compartilharem do mesmo redator-chefe, Nascimento Moraes. Além de que, tanto o *Diário de São Luiz* quanto *A Hora*, foram definidos como noticiosos, críticos e de propaganda, respectivamente; ademais, com o avançar das edições, também observamos que os respectivos jornais acomodaram nomes em comum no seu corpo redacional, dentre os quais podemos citar Assis Garrido e Fulgêncio Pinto.

A Hora encerrou oficialmente suas atividades somente em meados de fevereiro de 1929, após quase três anos de circulação. Neste espaço de tempo, o periódico teve suas publicações suspensas apenas uma vez, em 28 de novembro de 1926 e por motivos desconhecidos. A circulação do jornal só foi retomada em 17 de janeiro de 1927, sendo que nesta nova fase foi substituído o redator-secretário, Eydher Pestana, pelo Capitão Roberto Gonçalves, ex-secretário d’ *O Dia*.

No dia de saída da primeira edição, 28 de julho de 1926, encontravam-se na sala de redação representantes de autoridades federais e estaduais, jornalistas, poetas, médicos,

advogados, comerciantes e várias outras pessoas, as quais foram prestigiar a inauguração e levar suas felicitações (FOLHA DO POVO, n. 111, 29 jul. 1926, p. 2).

A data de 28 de julho não foi escolhida por acaso para a saída do primeiro volume de *A Hora*. Tratava-se do dia comemorativo da adesão do Maranhão à Independência do Brasil, a qual era muito festejada pela intelectualidade maranhense, desde o século XIX e marcou, por exemplo, a fundação da primeira agremiação literária do Maranhão, A Oficina dos Novos, em 1900.

A Oficina dos Novos foi uma agremiação literária com uma estrutura similar à de uma academia de letras. Nascimento Moraes fazia parte do grupo que pensou e criou a Oficina, além de ter sido sócio-fundador e o seu primeiro presidente. A Oficina possuía inicialmente vinte cadeiras, distribuídas entre sócios-fundadores, honorários e correspondentes, cujo patrono era Gonçalves Dias (CRUZ, 2016).

Cogita-se que esta vultosa agremiação tenha deixado de existir para dar origem à Academia Maranhense de Letras⁴, haja vista haver similitudes entre ambas. Destaca-se o fato de a AML ter nascido patroneada por Gonçalves Dias, levando muita gente a imaginar que o aparecimento de tal instituição seria para ocupar o lugar da Oficina dos Novos. Também compartilharam de notáveis figuras maranhenses como patronos de cadeiras, além do fato de que integrantes da Oficina vieram a integrar o grupo de fundadores da Academia, o que se estendeu posteriormente a sócios honorários e correspondentes (MORAES, 2014).

É interessante evidenciar que, apesar das relações estabelecidas, existem registros que expõem a coexistência da Oficina e da Academia. Destaco aqui parte de uma homenagem feita a Arthur Azevedo, publicada no jornal *Pacotilha*, onde se lê:

A função que se realizará na noite de 22 do corrente, constará apenas de duas partes e não de três, como estava previamente resolvido. A primeira consistirá numa sessão cívica, em que se farão ouvir, além do orador oficial, sr. Domingos Barbosa, Antonio Lobo, pela Academia Maranhense, Vieira da Silva, pela Oficina dos Novos, e o inspirado poeta Correia de Araujo, que recitará belíssima poesia (PACOTILHA, n. 265, 9 nov. 1908, p. 1).

Observamos que foram registradas homenagens tanto da Oficina dos Novos quanto da Academia, o que atesta a permanência de ambas as entidades. Há também o registro de um

⁴ A Academia Maranhense de Letras foi fundada em 10 de agosto de 1908 (data de aniversário de nascimento de Gonçalves Dias) no salão de leitura da Biblioteca Pública do Estado. Fizeram parte como sócio-fundadores Antonio Lobo, Alfredo de Assis Castro, Astolfo Marques, Barbosa de Godóis, Corrêa de Araújo, Clodoaldo Freitas, Domingos Barbosa, Fran Paxeco, Godofredo Viana, I. Xavier de Carvalho, Ribeiro do Amaral e Armando Vieira da Silva (PACOTILHA, n. 189, 11 de ago. 1908, 189, p.1).

jantar promovido pelas duas agremiações no salão nobre do Hotel Central, onde se comemorou a publicação dos livros “As formas processuais, mosaicos e Poesias” (PACOTILHA, n. 270, 14 nov. 1908, p. 1).

Do mesmo modo, o saudoso Jomar Moraes (2014) afirma que a Oficina dos Novos ainda se manteve ativa por alguns anos, tendo em vista a reorganização que a Oficina realizou em 1917, quando ocorreram a aprovação de novos estatutos e a eleição de diversos integrantes e da diretoria.

No campo político, percebe-se que o jornal *A Hora* chegava ao público com a intenção de não se envolver em embates com o governo, deixando registrado que o impresso seria utilizado mais para oposição de ideias do que contra personalidades específicas do governo.

Em 5 de julho de 1925, Magalhães de Almeida elegeu-se presidente do Maranhão na legenda do Partido Republicano Maranhense (PRM), e assumiu a regência do estado em 1.º de março de 1926, sendo este o segundo governante da Primeira República a exercer o mandato em tempo integral (1926 a 1930).

O jornal *A Hora*, desde sua primeira tiragem (1926), já demonstrava simpatia ao governo de Magalhães de Almeida. Em sua primeira edição, na primeira página, observa-se uma acalorada homenagem ao então presidente do Estado pela passagem de seu aniversário, onde se lê:

Está hoje em festas o lar do nosso ilustre conterrâneo, comandante Magalhães de Almeida, presidente do Estado.

Ao lado de sua esposa e filho, fluirá venturas e confortadoras horas que lhes distrairão o espírito das preocupações múltiplas da trabalhosa administração.

A frente da pública administração do estado muito esperam os maranhenses de sua já reconhecida força de vontade e grande capacidade de trabalho, revelados tantas vezes como nosso representante federal e como aplaudido oficial de nossa Marinha de guerra.

A Hora, apresenta-lhe pela data que hoje transcorre muitas felicidades, augurando-lhe um governo cheio de belas iniciativas, um governo fecundo e brilhante que satisfaça legítimas aspirações do povo maranhense. (A HORA, ano I, n. 1, 28 jul. 1926, p. 1).

Ao longo das edições do *A Hora*, observamos várias publicações que expressavam grande satisfação com a administração do Estado, dentre as quais destacamos o seguinte trecho publicado na coluna “Nos meandros da política”:

O presidente Magalhães de Almeida vai, sem estardalhaço, desenvolvendo seu programa administrativo. Mantendo-se em admirável equilíbrio, conserva o funcionalismo em dia, desobriga-se dos compromissos externos

do Estado e vai produzindo trabalhos sobremaneira úteis ao progresso do Estado. Não dá emprego por gentileza e cavalheirismo, suprime os cargos que vão vagando, faz despesas diminutas, enfim, aperta a rosca das finanças tanto quanto possível, e a coisa vai indo a contento de todos. S. Exc. vai operando modestamente o milagre do saber gastar. (A HORA, ano III, n. 4, 4 jan. 1928, p. 1).

Logo, foi por causa desta apreciação que alguns jornais apontaram *A Hora* como órgão aliado ao governo. Destacamos, pois um trecho do jornal *O Imparcial*, onde podemos observar tais falas:

A Pacotilha e A Hora, nas suas edições de ontem, fizeram profissão de fé da sua independência, declarando que não lhes assenta a carapuça de jornais que não têm a liberdade de comentar qualquer ato da administração pública, quando passível de censura [...] *A Hora*, apesar de afirmar o contrário, é órgão do Partido Republicano Nacionalista (O IMPARCIAL, n. 146, 19 out. 1926, p. 6).

Mas se, por um lado, o governo de Magalhães de Almeida era estimado pelo jornal *A Hora*, por outro, foi bastante atacado pela oposição. Chefiados por Tarquínio Lopes Filho e Marcelino Machado, os ataques eram destilados, principalmente, através das colunas dos jornais *Folha do Povo* e *O Combate*, que eram de propriedade destes citados.

Devemos frisar que Marcelino Machado também integrava o Partido Republicano, mas após várias divergências políticas, inclusive com o chefe do partido Godofredo Viana, decidiu fundar o jornal *O Combate* para fazer oposição e denunciar possíveis falcatruas do governo. Ele também disputou as eleições de 1925, concorrendo ao cargo de presidente do Estado do Maranhão; derrotado, seguiu fazendo oposição.

No entanto, Mário Meireles (2001) avalia que o governo de Magalhães de Almeida foi um dos melhores do Maranhão, dentre os dez da Primeira República. O referido autor afirma que: “[...] não nos devemos deixar levar pela crítica corrompida por espírito de intransigência e paixões políticas, os quais ditaram os artigos daqueles órgãos de imprensa que deturparam a imagem do penúltimo governante da República Velha [...]” (MEIRELES, 2001, p. 301.).

Sobre a organização do jornal *A Hora*, este contava com publicações diárias e que seguiam um modelo fixo para organização e distribuição dos conteúdos. As edições contavam com quatro páginas e, em algumas exceções, poderiam chegar a até oito páginas, como é o caso da primeira edição.

Os conteúdos eram dispostos conforme tamanho e encaixe, e, diferentemente de alguns jornais da época, não havia um grande destaque para a manchete principal. No

cabeçalho, notava-se a presença bem destacada do nome do jornal ao centro, acompanhado dos nomes do diretor e do redator-chefe na parte inferior; data, número da edição e número da página na parte superior, além de dois anúncios, um na extremidade direita e o outro na esquerda, entre outras informações adicionais sobre o próprio jornal.

Figura 1: Cabeçalho do jornal *A Hora*



Fonte: *A Hora*, 1926.

O conteúdo era distribuído da seguinte forma: a primeira página era dedicada basicamente à publicação de artigos, os quais comumente retratavam acontecimentos locais ou regionais, e era também na primeira página que se dispunha a maior parte das colunas. Sobre essa primeira página, entende-se que ela pode informar sobre os objetivos e sobre a maneira como cada folha se posiciona política, cultural e socialmente. Diz muito sobre o jornal como um todo, refletindo escolhas feitas pelos editores acerca das informações que consideram mais importantes no dia (MEDEIROS; RAMALHO; MASSARANI, 2010, p. 400).

No que se refere às colunas, entende-se que são textos que podem ser assinados ou não e que tratam de temas relacionados a alguma editoria. Ademais, um elemento que vale ser destacado é que, em muitos casos, uma coluna pode acumular um grande capital de prestígio, a ponto de tornar-se uma referência do jornal (KRILOW, 2019, p. 9). As colunas de maior destaque no jornal *A Hora*, foram “O momento commercial”, “Caixa de aifinins”, “Nos meandros da política” e “A falência de Almeida Neves & C. LTDA”, ambas contando com mais de vinte publicações cada ao longo do ano de 1928.

Dentre as colunas expostas, destacamos “O momento comercial”. Nesta coluna, o redator-chefe Nascimento Moraes escrevia sobre vários assuntos pertinentes à praça comercial da capital. E foi nesta coluna que descreveu brilhantemente, e com ares de grande jurista, sobre o possível processo fraudulento de falência da firma “Almeida Neves & C. LTDA”.

A citada firma desfrutava de grande prestígio na praça comercial, mas passou a acumular demasiadas dívidas, as quais somavam quase seis vezes o valor de seu capital ativo. Assim sendo, o gerente comercial, Sr. Marcelino Gomes de Almeida Junior, junto de seus advogados, assinou a petição pedindo a abertura da falência, a qual foi prontamente atendida pelo ilustrado Dr. João Machado, Juiz do Comércio.

O caso é que se formou um alvoroço, não pela sentença deferida, mas sim contra os fundamentos da sentença que declararam a abertura da falência, sendo os ataques feitos por meio de pareceres de juriconsultos (PACOTILHA, n. 34, 10 fev. 1928, p. 1). E foi o jornal *A Hora*, na pessoa do seu redator-chefe Nascimento Moraes, que tocou rebate aos primeiros clarões deste caso, o qual justifica seu posicionamento relatando que:

De há muito que este jornal se vem ocupando dos mais importantes e graves fatos comerciais desenrolados nesta praça, que, tradicionalmente gozava do melhor conceito dentro e fora do País. Nós que trabalhamos com dedicação e devotamento profissional neste orgam de publicidade, devemos, por isso, uma explicação ao público de nossa terra.

[...] E diante de tão complexo caso comercial, não nos era permitido silenciar. Para logo, reconhecemos que, fazendo inauditos esforços, devíamos defrontá-los, valendo-nos da nossa pertinência no estudo e todos os elementos de que, como jornalistas, podíamos dispor. (A HORA, 25 jan. 1928, p. 1.).

O trecho reproduzido acima foi retirado do artigo no qual Nascimento Moraes escreve sua primeira análise sobre o caso. Apoiado em leituras de livros de renomados juristas, tal artigo foi bastante elogiado e reconhecido por trazer luz ao debatido caso. Mais tarde, juristas renomados como o Dr. Levi Carneiro e o Dr. Rodrigo Octavio, emitiram suas opiniões sobre o caso e apoiaram a análise feita pelo jornal *A Hora*.

As segunda e terceira páginas eram praticamente reservadas aos anúncios e mantinham os anunciantes por várias edições seguidas. A publicidade também acontecia em outras páginas, mas sempre de maneira discreta e sem seguir um padrão.

Para Krillow (2019), é interessante que se faça o mapeamento das principais fontes de receita do jornal, se é obtida através de vendas avulsas, pelas assinaturas, classificados, publicidade privada e estatal, empréstimos privados e estatais etc. Pois com esses dados é possível definir o grau de autonomia dos jornais em relação às pressões externas.

No caso, o jornal *A Hora* dispunha de seus rendimentos advindos através de assinaturas mensais, vendas avulsas das edições, publicidades e classificados.

Sobre a assinatura do jornal, existiam três planos disponíveis. O primeiro plano constava como sendo o de três meses, o qual custava 10\$000 réis, o segundo plano provia assinatura por seis meses e custava 19\$000 réis, e o último plano – e talvez o mais compensatório – ofertava o jornal por 12 meses e custava 35\$000 réis, podendo a assinatura começar em qualquer mês do ano. Sobre a venda avulsa da edição do dia, era ofertada pelo valor de 200 réis (A HORA, 16 jan. 1928, p. 2).

É pertinente mencionar que, abaixo do enunciado sobre os valores de assinatura do jornal, havia uma frase em questão que nos chamou a atenção: “A opinião dos colaboradores é livre, sem a solidariedade da redação”. Entendemos que com essa frase é esclarecido que o jornal atende a todos, sem distinção de opinião e que seus redatores são imparciais. A norma da imparcialidade surge no Brasil em meados do século XX, e se afirma como “um ideal, condenando os interesses de indivíduos e grupos privados, e a ação parcial que resulta desses interesses, como culpados pela deterioração da esfera pública e rebaixamento da atividade política” (MIGUEL; BIROLI, 2010, p. 60).

Com relação aos anúncios, não encontramos valores explícitos para este serviço, apenas um informe que dizia: “anunciai na Hora por preços módicos”. Tais informes eram publicados aleatoriamente, aparecendo por até duas ou três vezes na mesma página em pequenos espaços.

O jornal *A Hora* contava com diversos anunciantes, os quais veiculavam produtos e serviços das mais diversas origens. Os segmentos iam desde medicamentos, “Elixir de Nogueira”, tecidos variados, “Casa Emilio Lisboa”, algodão e sabão, “Martins, Irmão e Cia”, instrumentos musicais, “Casa Ribamar”, sociedades de créditos mútuos, “Crédito Mútuo da Bahia, Crédito Mútuo Predial”, entre outros.

Figura 2: Anunciante do jornal *A Hora*



Fonte: *A Hora*, 1926.

Dentre os anunciantes destacamos “Casa Ribamar”, um estabelecimento que trabalhava com conserto, compra e venda de instrumentos musicais, e que foi anunciante do jornal durante todo o seu período de vigência.

Na quarta página, constavam breves e variadas notícias, além de notas que, normalmente, apresentavam acontecimentos locais, tais como nascimentos, casamentos, prisões, notícias sobre esportes, entre outros. Por seguirem um padrão e apresentarem presença constante no jornal, podemos classificar esses escritos como quadros fixos ou notas fixas. A exemplo, podemos citar as notas “A Hora religiosa” ou ainda “A Hora social”.

Embora o jornal *A Hora* tenha se destacado pelo fato de ser composto por uma grande quantidade de textos e publicidades, não era incomum observarmos fotos ou imagens complementando as notícias. Algumas figuras ilustravam anúncios de carros, medicamentos, entre outros. Já as fotos retratavam, na maioria das vezes, grandes personalidades de destaque da época e quase sempre eram estampadas na primeira página do jornal.

1.2 Homens de letras, políticos e jornalistas no *A Hora*

O jornal *A Hora* foi um periódico de grande circulação na sociedade ludovicense e trouxe em suas páginas artigos bastante expressivos sobre os mais diversos temas, inclusive os que, de alguma forma, expunham as mais importantes personalidades da época.

De fato, entender melhor a trajetória de uma pessoa que teve um papel importante na nossa sociedade pode ajudar a compreender uma época, um conflito histórico, um contexto socioeconômico e a cultura de determinada região. Além, é claro, de inspirar as decisões sobre as nossas próprias vidas.

Por isso, dispomos no quadro abaixo algumas personalidades que foram destaque em artigos no impresso. Separamos nomes que deixaram sua marca na intelectualidade maranhense.

Quadro1: Personalidades em destaque no jornal *A Hora*, 1928

Número do jornal	Nome do literato	Tipo de texto	Título	Assunto (resumo)
49	Assis Garrido	Nota	Assis Garrido	Apresentação de Assis Garrido como redator do jornal <i>A Hora</i> .
86	Viriato Corrêa	Artigo de opinião	Viriato Corrêa	Visita de Viriato Corrêa ao jornal <i>A Hora</i> .
92	Sotero dos Reis	Artigo de opinião	Sotero dos Reis	Inauguração do medalhão em homenagem a Sotero dos Reis
154	Antonio Lobo	Artigo de opinião	Antonio Lobo	Inauguração do retrato de Antonio Lobo, no Liceu Maranhense.
158	Fran Paxeco	Artigo de opinião	O sr. Fran Paxeco e a mentalidade maranhense	Crítica a uma fala de Fran Paxeco acerca do título maranhense de “Athenas brasileira”.
168	Antonio Henriques Leal	Artigo de opinião	Antonio Henriques Leal	Homenagem ao centenário de nascimento de Henriques Leal

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Jornal *A Hora*.

O primeiro texto exposto fala sobre Francisco de Assis Garrido ou somente Assis Garrido, um ilustre poeta maranhense, além de teatrólogo e jornalista. Nasceu em São Luís em 14 de setembro de 1899, e faleceu nesta mesma cidade, em 1.º de dezembro de 1969, filho de Florentino Ferreira Garrido e Adélia da Silva Garrido.

Foi funcionário do Ministério da Fazenda, oficial administrativo na Alfândega de São Luís e delegado do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Maranhão. Poeta, sobretudo, era dono de uma lira de fácil inspiração e suave lirismo. Na Academia Maranhense de Letras, foi o terceiro ocupante da Cadeira nº 3, cujo patrono é Artur Azevedo (AML, 2022a).

Na nota publicada no jornal *A Hora*, é anunciada a sua chegada à redação do jornal. O texto fala que “passou a fazer parte do corpo redacional da *Hora* este nosso talentoso e brilhante poeta conterrâneo, cujo nome tanto recomenda à atual geração literária do

Maranhão” (A HORA, ano III, n. 49, 1.º mar. 1928, p. 1). A partir de então, Assis Garrido passa a escrever poesias e artigos de opinião.

O segundo artigo disposto aborda Manuel Viriato Corrêa Baima do Lago Filho ou apenas Viriato Corrêa, este que foi um jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e livros infanto-juvenis.

Nasceu em 23 de janeiro de 1884, em Pirapemas - MA, e faleceu no Rio de Janeiro - RJ, em 10 de abril de 1967. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, ocupante da Cadeira 32, eleito em 14 de julho de 1938, além de deputado estadual no Maranhão, em 1911, e deputado federal pelo Estado do Maranhão entre 1927 e 1930 (ABL, 2016).

Começou a escrever aos 16 anos os seus primeiros contos e poesias, mas foi em 1903 que saiu no Maranhão o seu primeiro livro de contos, *Minaretes*, marcando o aparecimento de Viriato Corrêa como escritor. Por interferência de Medeiros e Albuquerque, de quem se tornara amigo, obteve colocação na *Gazeta de Notícias*, iniciando sua carreira jornalística que se estenderia por longos anos e no exercício da qual seria colunista do *Correio da Manhã*, do *Jornal do Brasil* e da *Folha do Dia*, além de fundador do *Fafazinho* e de *A Rua* (ABL, 2016).

No texto publicado, retrata-se este ilustre conterrâneo, ao fim de sua passagem por terras maranhenses, o qual visitou as dependências do jornal *A Hora* para se despedir dos amigos a quem nutria grande afeto, sendo recebido com grande apreço por todos. No texto, é referido como “talentoso confrade, grande beletrista e consagrado homem de letras”, onde se finaliza expondo a gratidão pela gentileza de sua visita desejando-lhe a melhor viagem (A HORA, ano III, n. 86, 14 abr. 1928, p. 1).

No terceiro artigo, aborda-se Francisco Sotero dos Reis, uma figura de grande projeção no meio maranhense. Nasceu em São Luís, a 22 de abril de 1800 e faleceu na mesma cidade, a 10 de março de 1871. Sotero dos Reis, gramático e filólogo, foi apontado como o “mestre dos mestres” dentre os que se ocupam em definir as leis e regras da difícil arte de escrever. Foi também parlamentar, publicista, poeta, e, sobretudo, professor.

Como parlamentar, foi membro do Conselho Geral da Província, mais de uma vez deputado provincial e presidente da Assembleia do Maranhão na legislatura 1862/1864. Como jornalista, fundou *O Maranhense* e *O Constitucional* e colaborou em *O Investigador Maranhense*, *Correio d'Anúncios*, *O Observador*, *O Publicador Maranhense* e em a *Revista*, que se tornou famosa sob sua ação redatorial. Como professor, foi lente de Latim e primeiro diretor do Liceu Maranhense e bibliotecário do Instituto de Humanidades (AML, 2023b).

É o patrono da Cadeira nº 19 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira de Letras, cujo titular foi Rafael Obligado. Da Academia Brasileira de Filologia, é o patrono da Cadeira nº 4, fundada por Ernesto Faria, e da Academia Maranhense de Letras, é o patrono da Cadeira nº 17, fundada por José Augusto Corrêa.

O artigo fala inicialmente sobre a inauguração de um monumento em homenagem a este grande vulto das letras maranhenses. A obra contou com a iniciativa do Almirante Raimundo Frazão Cantanhede e foi realizada por meio de petição popular do povo maranhense. No desenrolar do texto, é feita uma breve abordagem da vida do intelectual, onde se lê:

Sotero dos Reis representa sem dúvida, um dos fatores que concorreram mais para o progresso intelectual do Maranhão. Jornalista, professor, gramático, poeta e crítico, sua grande capacidade mental se manifestava brilhante em diversos ramos da grande e frondosa árvore da literatura nacional.

De técnica completa, sempre que aparecia como dínamo de trabalho onde deixou, porém, maior realce e maior brilho, foi incontestavelmente nos seus estudos de gramática e de filólogo. Foi aí nesse campo, até então, pouco lavrado, e onde poucos se animavam a trabalhar, onde ele colheu os melhores frutos de seus esforços e prestou seus melhores serviços a mocidade de seu país (A HORA, ano III, n. 99, 21 abr. 1928, p. 1).

Sobre os estudos gramaticais, o texto explica ainda que, de tanto ser consultado para revisões de artigos no jornal em que trabalhava, Sotero decidiu por fim escrever um livro claro, sucinto, que lhes servisse de guia prático e seguro no ensino. Tal livro intitulado “Gramática Portuguesa”, após ser publicado, recebeu pedidos de todas as partes, constatando que a necessidade de uma obra dessa natureza transpassava os limites do Maranhão.

O texto finaliza relatando que tal evento, inauguração do monumento a Sotero dos Reis, serviu para contentar os maranhenses que necessitavam de estímulos para levar adiante o nome de nossos antepassados e que este “culto” interessava para manter a corrente de nossa gloriosa tradição intelectual.

O quarto artigo (ANEXO 9) discorre sobre nosso ilustre conterrâneo Antonio Lobo, este que nasceu em São Luís, a 4 de julho de 1870, e faleceu na mesma cidade, a 24 de junho de 1916. Foi jornalista, poeta, romancista, professor, tradutor, publicista e polemista compulsivo. Dirigiu a Biblioteca Pública, o Liceu Maranhense e a Instrução Pública e foi um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras (AML, 2023c).

No artigo, a princípio, é relatada a inauguração do retrato de Antonio Lobo na sala de honra do Liceu Maranhense; em seguida, faz-se também uma breve retomada de quem foi esse ilustre intelectual, “professor, jornalista propagandista científico, tribuno e homem de letras, sem dúvida uma das figuras mais representativas do Maranhão mental desses últimos tempos”. (A HORA, ano III, n. 154, 4 jul. 1928, p. 1)

O texto diz ainda que Antonio Lobo despontou em 1888 como orador e poeta ao lado de Aluísio Porto, clamando na praça pública pela liberdade dos negros. Mas foi em 1889, com a Proclamação da República que:

Antonio Lobo e seus companheiros viveram, então, dias brilhantes nesta cidade, falando e escrevendo sobre formosíssimas teses políticas que eram questões vigentes daqueles dias afastados de civismo, santificados pelos sentimentos mais acrisolados de nossa nacionalidade. O poeta que nele havia, cedo desapareceu, mas surgiram polidos e robustos engenhos que adquiriram com os anos grande desenvolvimento e com os quais festejado sempre pela mocidade maranhense, fez a plausível trajetória intelectual que ainda hoje todos lhe admiram (A HORA, ano III, n. 154, 4 jul. 1928, p. 1).

E que mesmo doente, era insólita sua capacidade de trabalho, pois produzia crônicas e artigos de combates para os jornais, escrevia romances, fazia traduções e ensinava e dirigia com o maior entusiasmo os moços que se iniciavam na vida literária. O texto diz ainda que em sua última fase entregou-se ao jornalismo político, sendo que:

A Tarde foi o seu derradeiro campo de ação. Ali travou os derradeiros combates. Das colunas desse vespertino desfechou os derradeiros golpes. Dali esgrimiou com bravura o ferro da polêmica e descarregou seu montante de crítica pela derradeira vez (A HORA, ano III, n. 154, 4 jul. 1928, p. 1).

Sobre *A Tarde*, este foi um jornal noticioso datado de 1915, que se propunha a ser independente politicamente. Era de propriedade de J. Pires e contava com Antonio Lobo no cargo de gerente e de redator.

É interessante ressaltar que o texto é assinado por Valério Santiago, este que foi o pseudônimo mais conhecido de Nascimento Moraes, e com quem Antonio Lobo protagonizou polêmicas⁵ acaloradas através dos jornais.

⁵ Houve um confronto acirrado entre Antonio Lobo e Nascimento Moraes o qual pode ter iniciado na saída deste da Oficina dos Novos, embora tenha se tornado público somente em 1908 e 1910. Em 1908, veio à tona após a publicação de uma carta de Lobo a Sebastião Sampaio, na qual faz um levantamento dos literatos maranhenses e os classifica em poetas, prosadores e historiadores. Nascimento Moraes não é citado em nenhuma das categorias e, em resposta, critica os dados dispostos por Lobo. O pico dessa polêmica ocorre em 1910, quando Nascimento Moraes se valeu de edições do *Correio da Tarde*, para revisar a obra de Antonio Lobo, a qual havia sido

O quinto artigo (ANEXO 10) ocupa-se de Fran Paxeco, português de origem, nascido em Setúbal, em 9 de março de 1874, e falecido em Lisboa, em 17 de setembro de 1952. Chegou ao Maranhão em 1900, e casou-se com Isabel Eugênia de Azevedo e em tal grau fixou-se a esta terra e tantos serviços lhe prestou, de forma que o seu nome está intimamente ligado à nossa história, em especial no campo intelectual, no qual teve papel prestigioso ao lado de Antonio Lobo.

Jornalista, professor, historiador, geógrafo, orador e diplomata. Foi lente do Liceu Maranhense, professor *honoris causa* da antiga Faculdade de Direito do Maranhão, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Pertenceu, ainda, aos Institutos Históricos de Bahia, Pará e Pernambuco, foi sócio correspondente das Academias de Letras de Alagoas e Piauí, da Academia de Ciências de Lisboa, e membro das Sociedades de Geografia de Lisboa e do Rio de Janeiro. A serviço do Governo de Portugal, foi cônsul no Maranhão e no Pará (AML, 2022d).

O artigo em questão retrata, em seus primeiros parágrafos, um protesto do autor acerca de situações absurdas, as quais, segundo ele, estariam se passando em território maranhense. Percebe-se, então, que o texto em questão expressa um tom denunciativo.

O nome de Fran Paxeco surge a partir do sexto parágrafo. No texto é esclarecido que ele estaria transitando por nosso porto rumo à Espanha e que, por estar saudoso de nossas iguarias, não poderia deixar de dar seu adeus ao Maranhão.

O texto diz ainda que essa visita seria um gesto de “gratidão” e explica tal fala fazendo uma retomada da trajetória do intelectual em nosso território, onde se lê:

Fran Paxeco aqui chegou depois de peripécias que não vale a pena recordar, sobrando umas páginas insulsas, *O sangue Latino*, que lhe custou um susto e uma carreira lá nas terras veneráveis do sr. Luís de Camões, de Francisco Manoel de Melo e outros paredros inesquecíveis do intelectualismo português.

Aqui vivendo recebeu tônicos restauradores deste povo ludovicense, o mais bonacheirão que conhecemos. Aqui o sr. Fran Paxeco teve a dita de se fazer historiador, geógrafo, crítico, etnógrafo e o mais que lhe soube ao paladar. Também grande cultor de estatística (A HORA, ano III, n. 158, 9 jul. 1928, p. 1).

Neste trecho já se percebe um certo dissabor do autor, Nascimento Moraes, para com Fran Paxeco. Entre ambos se deram situações de adversidade à época da Oficina dos Novos, as quais resultaram na saída de Moraes e de um grupo de intelectuais desta agremiação.

Mas o ponto alto do texto se dá quando é reproduzida uma fala de Fran Paxeco publicada originalmente no jornal *O Imparcial*. Na frase, ele expõe que sua luta pelo progresso intelectual do Maranhão se deu por ter entendido que o fato de nosso estado ser chamado de “Athenas Brasileira” se tratava mais de um apelido do que de título conquistado.

A “Athenas Brasileira” foi uma construção discursiva que objetivava consolidar e legitimar os literatos e seu campo de produção cultural, enquanto elementos hegemônicos e indispensáveis à reflexão do ambiente de reprodução social dos maranhenses, pois os escritores constituíram desde a época do Romantismo um setor que criava profundas relações de força com as demais camadas da elite dominante, direcionando a criação de uma autoimagem erudita e intelectualizada, em função da legitimidade do status social de um determinado grupo que se pretendia dominante (BOBBIO, 1997, p. 102).

Para o autor, tal comentário soou como uma “cusparada”, a qual Fran Paxeco:

[...] atirou sobre o mais justo, o mais nobre, o mais brilhante título de glória com que se ufanou ontem, com que se ufana hoje e com que se ufanará amanhã o povo desta terra! Título esse que é, sem dúvida, o único que possuímos até hoje, porque nós recomendamos a todo Brasil e até mesmo a todos os países cultos do nosso planeta (A HORA, ano III, n. 158, 9 jul. 1928, p. 1).

O texto expõe também que, apesar de Fran Paxeco ter sido autor de vários livros, não conseguiu que suas obras ganhassem notoriedade, e mesmo que fosse festejado e aplaudido por seus amigos e admiradores, estes ainda assim não comentaram suas obras nem as vantagens que haveria de sua leitura.

O último artigo discorre sobre Antonio Henriques Leal, este que foi um dos maiores disseminadores das glórias literárias de nossa terra. Incansável na reconstrução e conservação das obras dos nossos grandes escritores, foi com grande labor que conseguiu dar luz às *Obras de João Francisco Lisboa* e *Obras Póstumas de Gonçalves Dias*, além do livro que lhe valeu consagração, *O Pantheon Maranhense*, no qual levantou a biografia de um punhado de maranhenses ilustres nas letras, artes e ciências (DIÁRIO DE SÃO LUIZ, ano IV, n. 165, 28 jul. 1923, p. 3).

Nasceu em Itapecuru-Mirim, em 24 de julho de 1828, e faleceu no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1885. Foi Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, onde obteve distinção, terminando com “OPTIME CUM LAUDE” na sua defesa de tese. Na Academia Maranhense de Letras, é patrono da Cadeira nº 10, fundada por Astolfo Marques.

Historiador veraz e bem documentado, Leal enriqueceu a historiografia brasileira com ensaios eruditos. Colaborou ativamente no *Semanário Maranhense* e fundou, com Fábio Alexandrino de Carvalho Reis e Antonio Rêgo, *A Imprensa*, folha que durou alguns anos. Receberam sua colaboração ainda os seguintes periódicos: *Revista Universal Maranhense*, *Jornal de Instrução e Recreio*, *Arquivo*, *Conciliação* e diversas folhas de Lisboa (AML, 2022 e).

O artigo disposto faz uma homenagem em comemoração ao primeiro centenário do nascimento deste grande intelectual. O texto se delimita em comentar suas obras e dá destaque ao seu trabalho mais prestigiado, *O Pantheon*. A princípio, Leal é definido sob duas figuras, a do “vernaculista” e a do “crítico-biográfico”, sendo:

No vernaculista se enquadra o escritor sempre cheio de imagens novas brilhantes seduzido pelo fulgor das individualidades de que se ocupa, embevecido diante dos episódios gradiloquos da vida de seus heróis, entusiasmado pelo sol de fogo de seus engenhos de suas produções admiráveis!

Por isso o crítico que nele existe não vai às particularidades das obras, as linhas sutis dos traçados, nem considera a traça dos cometimentos porque se exibiram e porque viveram. Ele é o crítico dos grandes relevos, dos contornos gerais, dos efeitos das eminentes estruturas e paradoxalmente vendo as tão de perto as obras, fala das mesmas como se à distância, as contempla se cativando apenas pela magia caprichosa dos colossos (A HORA, ano III, n. 168, 24 jul. 1928, p. 1).

O texto diz ainda que, por causa desse seu perfil de escritor, Leal causou animosidades no meio intelectual de seu tempo. Principalmente pelo fato de que, no seu livro *O Pantheon*, abordou apenas escritores que lhe eram afeiçoados.

Diante disso, adveio então o trabalho do notável advogado e emérito professor, Dr. Frederico José Corrêa, *Um livro de crítica*. No livro foi feita uma análise profunda, um bombardeio de considerações desdenhosas sobre o que a “coterie” intelectual daquela época estaria produzindo, entre tais produções *O Pantheon*.

Frederico José Corrêa pagou o preço de sua coragem. Seu livro não foi divulgado, na verdade, foi rechaçado e conduzido ao ostracismo em sua época; sua exposição era quase que

proibida. Embora se leia no texto que ele não tinha o propósito de espalhar seu livro pelo país, o que ele queria e conseguiu foi levar a Antonio Henriques Leal o seu grito de protesto, pois:

Era de fato numerosa a plêiade de maranhenses notáveis. A obra de Antonio Henriques Leal dá apenas uma fácies desse conjunto de homens valorosos que o Maranhão havia produzido, e que lhe engrandeciam o nome. O cognome de Atenas Brasileira, certo não o mereceu o Maranhão somente pelos ilustres maranhenses que se perfilam, imponentes, na obra do cintilante crítico a quem o Maranhão deve esse inolvidável trabalho que de muito serviu a sua fama (A HORA, ano III, n. 168, 24 jul. 1928, p. 1).

O texto finaliza com o desejo do autor de que a obra de Leal fosse continuada, por quem quisesse passar uma vista retrospectiva pelo nosso passado intelectual e arrancasse da penumbra os gigantes que lá dormem.

1.3 Nascimento Moraes e seus posicionamentos políticos no jornal *A HORA*

Nascimento Moraes possuía um vasto conhecimento sobre o que se passava em sua terra e no mundo, o que permitiu que escrevesse sobre os mais variados assuntos. Era um polemista e, na maioria das vezes, fazia um jornalismo oposicionista, criticando o que denominava de “maus governos”.

Em 1924 foi fundado em São Luís, o Centro Republicano Godofredo Viana, uma agremiação partidária pautada nos ideais políticos e partidários do seu patrono, o então presidente do estado, Dr. Godofredo Viana. Apesar de Nascimento Moraes ser reconhecido pelo seu perfil oposicionista, aplaudiu a criação da agremiação e esteve presente em seu ato de fundação, firmando-se como um dos membros filiados.

Após filiar-se ao Centro Republicano, Nascimento Moraes causou intenso burburinho na cidade, movido pela curiosidade dos conterrâneos em saber o porquê de o combativo jornalista ter se posicionado, em um dos seus artigos, como “um simples soldado raso do centro”. O fato causou estranheza e ao mesmo tempo instigou o interesse da população sobre a agremiação, visto que “se o Nascimento não enxergasse uma real transformação política, ele não teria rompido com seu antigo partido para fazer parte deste” (DIÁRIO DE SÃO LUIZ, n. 82, 5 abr. 1924, p. 3).

Era notável o quanto a opinião de Nascimento Moraes era prestigiada pela comunidade, tanto que, durante a primeira reunião do Centro, foi proposta a concepção de uma comissão consultiva composta por cidadãos de insuspeita notoriedade na vida partidária

do Estado; dentre os nomes cotados a compor a comissão, Nascimento Moraes foi o terceiro apontado.

E, foi dentre os membros que compunham o Centro, que Godofredo Viana, chefe do Partido Republicano Maranhense, escolheu o candidato que disputaria as eleições de 1925 para a presidência do Estado. O comandante Magalhães de Almeida já vinha havia algum tempo se destacando tanto por causa de sua disponibilidade frente a assuntos alheios à melhoria do Estado (inclusive quando intermediou o empréstimo feito pelo Maranhão nos Estados Unidos junto à Ulen Company), quanto por sua bagagem política (deputado federal 1921-1926 e senador 1925-1926), o que culminou em sua candidatura.

Em 1925, Nascimento Moraes, enquanto redator-chefe do *Diário de São Luiz*, fez ampla campanha para o candidato republicano, o qual se elegeu presidente do Maranhão em 5 de julho de 1925, e assumiu a regência do Estado em 1.º de março de 1926. É interessante salientar que as relações entre Nascimento e Magalhães de Almeida possivelmente teriam raízes anteriores à vida política, tendo em vista a convivência de ambos durante os anos de formação no Liceu (PACOTILHA, 29 nov. 1897, p. 3; 27 dez. 1898, p. 2).

Diante do exposto, Nascimento Moraes chega ao jornal *A Hora* (1926) com seus posicionamentos políticos bem delimitados, seguindo a mesma linha à qual já se inclinava desde que passou a integrar, em 1924, a comissão consultiva da citada agremiação partidária.

Assim sendo, em seus escritos sobre política em âmbito regional, Moraes se reporta a discorrer sobre o ótimo desempenho administrativo do então Presidente do Estado. Os primeiros escritos de cunho político de 1928 datam do mês de fevereiro, quando é enviado ao Congresso o relatório do segundo ano do governo; Moraes então publica no jornal trechos comentados do documento, divididos em 8 artigos sob o título “Mensagem do Presidente do Estado”.

Nos artigos são abordados todos os temas pertinentes ao governo, com grande ênfase à primeira viagem feita por um governador ao interior do Estado, onde foram inauguradas estradas construídas através de parcerias público-privadas. No texto, lê-se que o Presidente Magalhães de Almeida:

[...] entregou-se com o maior desvanecimento a uma obra de missionário. Foi pregador de civismo, e assim conseguiu que os nossos sertanejos resignados pela sua convicção, compreendessem que era chegada a hora de trabalhar!

Impunha-se lhes o momento de agir ao lado do governo para a consecução desse trabalho de há muito reclamado pelas exigências das nossas necessidades econômicas e mais crescentes (A HORA, ano III, n. 24, 10 fev. 1928, p. 1).

Moraes pontua que essas estradas se assentaram como um marco tanto para o desenvolvimento econômico do Maranhão como da instrução pública. No tocante à parte econômica, as estradas concederam segurança, não só ao transporte de passageiros, mas também para o transporte de mercadorias, o que contribuiu para o desenvolvimento das riquezas do Estado e dos habitantes da região.

No pertinente à instrução pública, facilitou o deslocamento das “missionárias da educação” que eram prejudicadas pelos sacrifícios dos transportes, muitas vezes perigosos e pela tardança das viagens. Moraes ressalta ainda que a vida se tornou mais intensa entre as localidades, promovendo um intercâmbio intelectual muito necessário à educação, visto que antes viviam sitiados em suas fronteiras.

Nascimento Moraes também fez comentários precisos acerca dos opositores do governo de Magalhães de Almeida. No artigo intitulado “E na verdade eu vos digo...”, publicado em 27 de setembro, faz um breve apanhado da luta travada pelo Deputado Lino Machado contra os governos de Godofredo Viana e Magalhães de Almeida. No texto, discorre explicando o porquê de Lino Machado ser concebido como o elemento mais forte do chamado “Marcelinismo”, este que foi um movimento político cujos integrantes e adeptos obedeciam à liderança política de seu irmão, Marcelino Rodrigues Machado.

Sobre o “Marcelinismo”:

Em meados dos anos 1920, Marcelino Machado ao perder a disputa travada com Magalhães de Almeida dentro do Partido Republicano, decide criar um veículo de imprensa para expressar seus posicionamentos e ao mesmo tempo reunir e atrair seguidores. O rompimento foi formalizado, em abril de 1925, através de um manifesto publicado no primeiro número d’O Combate. Daí em diante este jornal se tornaria o principal veículo de imprensa da facção oposicionista, cuja sigla permanecia PR, agora acrescido do designativo “marcelinista” ou ainda “oposicionista” (PEREIRA, 2018, p. 45).

Sobre Marcelino Machado, no artigo “O truc supremo do Marcelinismo”, datado de 7 de agosto de 1928, Nascimento Moraes o descreve como alguém que não se conforma com sua total liquidação política no Estado e que vive a usar de tudo para chamar a atenção para si. Em contrapartida, no jornal *O Combate* também são redigidos vários artigos comentando os feitos do presidente do Estado, mas de forma depreciativa e menosprezando as conquistas.

Em julho de 1928, foi lançada por políticos cariocas a chamada “semana democrática”, e no dia 19 desse mesmo mês partiu do Rio em direção aos Estados do Norte uma “Caravana Democrática”, dirigida por Assis Brasil. No texto “A Caravana Democrática”, de 24 de julho de 1928, Nascimento Moraes, como grande conhecedor do que se passava em todo país, expressa sua opinião sobre esse movimento e tece comentários acerca dos seus objetivos, onde diz:

Que quer a caravana? Regenerar politicamente o país. Regenerar quer dizer levantar princípios republicanos completamente esquecidos; erigir um templo à Justiça; estabelecer um regime eleitoral eficiente, de modo que as comédias dos pleitos eleitorais não mais possam continuar num país como o nosso cujos filhos parecem sinceramente empenhados em o colocar ao lado dos mais adiantados e mais cultos do globo (A HORA, ano III, n. 167, 24 jul. 1928, p. 1).

Nascimento Moraes faz ainda uma analogia deste movimento com as jornadas de Nilo Peçanha, primeiro presidente brasileiro com perfil popular, e J. J. Seabra, um dos poucos parlamentares a participar do processo de promulgação das duas primeiras constituições republicanas (1891 e 1934). Diz que muito se ganhou com o trabalho dos dois, pois ambos conseguiram “ventilar pensamentos novos”, abriram novos horizontes, Nilo Peçanha, com seus discursos de vantajosas preleções políticas, e J. J. Seabra, com genuínas páginas de crítica político administrativa.

A “Caravana Democrática” era dirigida por Assis Brasil, presidente do recém-criado Partido Libertador (PL), congregando cariocas, paulistas, catarinenses e fluminenses. Dos estados preestabelecidos para receber a visita (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas), só não atingiram este último. Em tese, os comícios apresentaram caráter democrático e revolucionário, embora abrandecido, sendo os políticos bem recepcionados junto à massa popular. Na ocasião, foram formados nos estados do Maranhão, Pará, Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba grupos incumbidos de organizar seções locais do PL (CPDOC, 2013, p. 24).

No artigo “O Momento Político”, de 6 de agosto de 1928, Nascimento Moraes aborda mais uma vez o movimento democrático, mas dessa vez usa de sua escrita afiada. Inicia o texto com a frase “Não acredito na revolução... agora”, e pontua seu desejo de uma “democracia feliz, de uma república de escol, que substitua essa república confusão” (A HORA, ano III, n. 178, 6 ago. 1928, p. 1).

Argumenta também que a imprensa muito estaria contribuindo para que um dia o Brasil pudesse se reorganizar politicamente, visto que estaria invadindo os sertões, mesmo onde a instrução pública não fosse eficiente, levando uma palavra fácil, cativante e comunicativa. Defende ainda que a caravana de Assis Brasil estaria “prestando relevantes serviços ao país, alumando a consciência das classes, levando uma revolução contra os erros de uma velha política, filha de uma legislação manca que nunca foi tomada a sério pelos próprios dirigentes do país” (A HORA, ano III, n. 178, 6 ago. 1928, p. 1).

Em 21 de agosto, escreveu mais um artigo, com o título “A Caravana Democrática”, mas desta vez descreve a chegada desta na cidade de São Luís e a forma como foi recepcionada pelo povo maranhense. Em seu artigo, Nascimento Moraes conta que a comitiva chegou às 21 horas e meia através da estrada de ferro São Luís-Teresina e seus integrantes foram recebidos com grande festa, e que após um breve discurso do chefe da delegação, Assis Brasil, tomaram carros e seguiram em cortejo por pontos estratégicos da cidade até o Maranhão Hotel (A HORA, ano III, n. 191, 21 ago. 1928, p. 1).

Assis Brasil, logo em seu segundo dia de estadia, visitou as dependências do jornal *A Hora*, sendo recepcionado com grande alegria pela equipe desta folha. Nascimento Moraes iniciou a conversação questionando o grande estadista acerca da divergência de ideias que se notava entre ele e um outro membro do partido; também foram pedidos esclarecimentos quanto à sua obra sobre o “Parlamentarismo”, além também de notas sobre a política do Rio Grande do Sul.

A conversa seguiu sem atropelos e foram esclarecidos todos os pontos colocados em evidência pelos anfitriões da casa. Nascimento Moraes conta que já anoitecia quando Assis Brasil manifestou seu desejo de retirar-se, quando prontamente lhe foi oferecida uma taça de champagne, a qual ele brindou e desejou prosperidade a *A Hora*. Logo em seguida, despediu-se da redação sem consentir que o acompanhassem até a porta da rua (A HORA, ano III, n. 192, 22 ago. 1928, p. 1).

1.3.1 Polêmicas

Enquanto esteve como redator-chefe do jornal *A Hora*, Nascimento Moraes protagonizou alguns conflitos os quais reforçaram seu perfil obstinado. Uma das principais polêmicas enfrentadas enquanto esteve à frente da redação do *A Hora* aconteceu durante o segundo ano de circulação desta folha.

O chefe do serviço de saneamento básico rural do Estado, Dr. Cassio Miranda, fez uma representação para o procurador da República denunciando Nascimento Moraes por haver publicado artigos contra a sua administração. Os artigos citados no processo foram publicados durante o mês de julho de 1927 e denunciavam por corrupção e abuso o referido funcionário. Entre os artigos podemos destacar os seguintes pontos:

Informam-nos também que as contas da Profilaxia são pagas por um processo por demais curioso, as contas vão para o escritório de certo comerciante, que as paga aos fornecedores, mas havendo desse pagamento 15%, mas essa gorda porcentagem não consta no livro! Deste modo não há dinheiro que chegue.

Seu único feito, sua principal imaginação resume-se na adoção do seu regulamento rigoroso para uns, suave para outros, conforme as ocasiões e as pessoas do seu agrado, dizem até que o Dr. Cassio Miranda tem transformado o regulamento em instrumento de vinganças e de ódio (O IMPARCIAL, n. 465, 22 set. 1927, p. 1).

Em sua defesa, Nascimento Moraes alegou que nos artigos anexados ao processo não almejava difamar ou destilar injúrias contra o chefe do saneamento básico rural, mas que ali usava do seu direito de apreciar ou censurar atos da administração pública, sempre em favor da sociedade, ao chamar a atenção para que se abrissem investigações contra o citado comerciante, e finaliza sua defesa abordando o relato de uma testemunha que denunciou a ele, através de um texto, os abusos de poder proferidos pelo referido chefe.

No entanto, o juiz federal Dr. Araújo Castro julgou todas as alegações como “não procedentes”, contestou a linguagem utilizada nos artigos caracterizando-as como não comedidas, que o fato de estar divulgando informações importantes à causa pública não justifica ataques a pessoas apenas na qualidade de administradores e, por último, responsabilizou Nascimento Moraes pela publicação da denúncia fazendo entender que, quando o jornalista publica uma informação repassada por outrem, faz sua essa informação, tornando-se responsável pelas consequências seguintes. O juiz julgou ainda que todas as imputações descritas nos artigos não reuniram provas suficientes dos fatos e, assim sendo, considerou procedente a denúncia contra Nascimento Moraes e o condenou à pena de três meses de prisão celular e multa de dois contos de réis.

Diante da condenação de Nascimento Moraes, ocorreu uma manifestação popular na praça João Lisboa em protesto à pena proferida. O comício foi organizado por Valle Sobrinho, o qual abriu os discursos em apoio ao amigo, seguido por Joaquim Machado, da redação do jornal *A Hora*, Angelo Magalhães, pela união dos estivadores, Theodoro Santos, pela liga dos

locatários de terrenos, João Procorio, vereador municipal e, por fim, Nascimento Moraes, que agradeceu toda a solidariedade dos amigos naquela manifestação. Após os discursos, seguiu a manifestação até a casa de Nascimento Moraes, onde se redigiu uma ata referente ao ato daquela noite (O IMPARCIAL, São Luís, n. 464, 21 set. 1927, p. 2).

Um outro caso se iniciou quando Nascimento Moraes testemunhou um ato de agressão proferido contra J. Pires, gerente do jornal *O Imparcial*. O episódio aconteceu em frente ao teatro Arthur Azevedo e implicou, mesmo que de forma secundária, a boa parte dos envolvidos em um processo jurídico de falência, que o citado J. Pires denunciava em artigos publicados no jornal do qual era gerente como um processo escandaloso.

O ocorrido foi relatado no jornal *A Hora*, no artigo intitulado “Um hóspede importuno”, datado de 6 de março de 1928. Neste artigo, Nascimento Moraes afirma ter ouvido do Sr. Oscar Castro Neves, gerente do Banco do Brasil e um dos principais envolvidos no processo citado, frases que instigavam a violência contra aqueles que usassem os jornais para fazer críticas. Transcrevemos um trecho do artigo que ilustra essa afirmação:

[...] não se compreende que o sr. Castro Neves, gerente da agência do Banco do Brasil, estivesse à porta de sua frisa, após o pugilato, a acender o facho do motim, procurando persuadir os que lhe ouviam a palavra, que o momento exige reações violentas; que é preciso palmilhar o caminho escuro das desafrontas pessoais, que as assertivas dos jornais, por ele chamadas de insultos, deviam os atingidos responder com ataques a mão armada (A HORA, n. 58, 6 mar. 1928, p. 1).

O fato também foi relatado no jornal *O Imparcial*, de 5 de março de 1928, com requintes de detalhes; atentemos ao trecho onde diz que Nascimento Moraes ouviu a seguinte frase do gerente do banco do Brasil: “De agora em diante será assim, havemos de reagir a chicote”. Alguns envolvidos no incidente declararam a outro jornal ser inverídica a frase registrada no artigo, colocando em questionamento a afirmação de Nascimento Moraes.

Com efeito, houve grande repercussão do acontecido, sobretudo, por causa do envolvimento de Oscar Castro Neves, que, além de ser gerente do Banco do Brasil, também figurava como uma das mais importantes personalidades da sociedade ludovicense. Este, por sua vez, recorreu à Justiça abrindo um processo contra Nascimento Moraes por crime de injúria. A queixa de duas folhas foi devidamente instruída com um exemplar do jornal, edição a qual continha o artigo considerado injurioso e entregue à Justiça.

Enquanto respondia à Justiça pelo processo movido por Oscar Castro Neves, nosso estimado jornalista enfrentava um momento muito delicado em sua vida. No dia 5 de maio de 1928, seu filho primogênito, Ápio Cláudio, envolveu-se em um episódio na frente do Liceu Maranhense, escola onde estudava, no qual confrontou o instrutor militar daquele estabelecimento de ensino, o Sargento Bousson. O fato ocorrido foi levado a inquérito pelo diretor do colégio, Sr. Luis Vianna, cujo processo durou quatro dias e resultou na suspensão do ano letivo do aluno acusado.

O diretor Luis Vianna expôs sua versão acerca do ocorrido, em nota publicada no jornal *O Imparcial*, de 13 de maio de 1928, relatando que estava ministrando aulas quando foi chamado à janela para conferir um fato que se passava na frente daquele estabelecimento de ensino. Observou então o aluno Ápio Cláudio em atitude de enfrentamento ao instrutor militar e, por compreender a gravidade da falta e por o aluno ser reincidente em infrações disciplinares, resolveu então abrir sindicância, encarregando o vice-diretor, prof. Gilberto Costa, para a incumbência.

O fato é que nos autos do inquérito não foram dispostos os motivos que levaram Ápio a cometer a falta. Sobre isso, Cruz (2022a, p. 14) dispõe que:

Na fala do diretor do Liceu, Ápio era representado como um jovem indisciplinado, nervoso e insubordinado e claramente se vê a parcialidade da publicação, quando o acusador deixa de fazer referência aos fatos que desencadearam atitude tão extremada por parte do adolescente.

Diante do acontecido e de posse da certidão do inquérito, Nascimento Moraes usou as páginas do jornal *A Hora* para relatar todos os detalhes do processo, ao qual nominou como “inquérito sui generis”. As publicações tomaram forma de coluna e se apresentavam sempre na primeira página sob o título “Ainda o Sr. Luis Vianna”.

Escreveu, assiduamente, por cerca de um mês (11 de maio a 11 de junho), analisando cada deslize cometido durante a inquirição, sem nunca deixar de expressar sua indignação com o desfecho tomado pelo caso. Conforme Cruz (2022a, p.14), Nascimento:

[...] revelou que o instrutor foi chamado para depor por três vezes antes do acusado, e que este último não teve acesso a nenhum dos depoimentos. Atribuiu aos depoimentos repetidos a intenção do diretor de preparar o instrutor para negar informação que obteve de que Ápio vinha sendo ofendido com insultos pelo Sargento Bousson, que lhe lançava os qualificativos de ‘moleque vagabundo’, ‘anarquizado’ e ‘relapso’.

Nos artigos, além de relatar as falhas do processo, acusava o diretor Luis Vianna de agir parcialmente, levado por seus sentimentos de vingança ligados ao fato de serem inimigos pessoais. Justifica ainda que, com esse ato, o diretor do Liceu teve duas intenções: ferir seu coração de pai e prejudicá-lo, acarretando-o com maiores despesas para a educação dos seus filhos, visto que este era um homem pobre e com uma grande prole (A HORA, ano III, n. 125, 30 maio 1928, p. 1).

Nascimento Moraes só deixou de escrever os artigos de discussão do inquérito após o pedido de alguns amigos íntimos que ansiavam por uma conciliação honrosa entre ambos. Sendo assim, a última publicação sobre o assunto foi impressa em 11 de junho de 1928. Embora tenha lutado pela defesa do filho com toda a sua obstinação, a pena de suspensão do ano letivo de Ápio Cláudio foi mantida, e este teve que concluir seu quinto ano em outro estabelecimento de ensino.

1.3.2 Nascimento Moraes e seus pseudônimos em *A Hora*

Durante sua trajetória pelos jornais maranhenses, Nascimento Moraes foi autor de inúmeras produções intelectuais, embora nem todos os seus escritos contenham sua assinatura. Em parte de suas publicações, utilizou-se de pseudônimos diversos, com eles transitando da prosa ao verso, do político ao literário, ainda que seus admiradores afirmassem que podiam reconhecer seu estilo sob qualquer um deles, devido ao vigor de sua escrita.

Machado (1996, p. 41) disserta acerca da abundância de conhecimentos e erudição do escritor e jornalista:

Espírito ciclópico pela plurivalência de seu talento como jornalista, crítico, moralista, poeta, cançonetista, professor, exímio e imbatível polêmico, cronista do passageiro e do eterno, e romancista de toda uma sociedade, é sobretudo como homem de jornal, subdividindo em mais de dez pseudônimos ou máscaras com que procurava moldar suas características mais variáveis e cambiantes, que o nome de Nascimento Moraes haverá para sempre de marcar sua presença entre aqueles mais nobres homens de letras deste século no Maranhão.

Carreira (2020) nos diz que a criação de um pseudônimo dissolve discursivamente o autor para transformá-lo em algo ou alguém ideal, cujo discurso idealizado participa de determinados propósitos, normalmente, envolvendo questões políticas, segregações, proibições, ou seja, o pseudônimo, muitas vezes, é uma entidade criada para dar voz a um

sujeito que não quer se identificar e com ele se camufla para dar voz a uma retaliação, por exemplo.

Como citado anteriormente, Nascimento Moraes fez uso de inúmeros pseudônimos, embora confirmados, contamos com pelo menos dez. Gomes (2015, p. 110) os expõe, sendo:

Junius Viactor⁶, o mais antigo, Brás Cubas, João Ninguém, João Semterra, Sussuarana, Zé Maranhense, nome dado também a um personagem negro, marceneiro e abolicionista em *Vencidos e degenerados*, Berredo, João Ventura, Braz Sereno que escreveu crônicas em *O Globo* e Valério Santiago, o que mais predominou na maioria de suas publicações pelo jornal *Tribuna*.

De todos os pseudônimos utilizados por ele, podemos afirmar que o mais popular foi “Valério Santiago”, o qual inclusive lhe rendeu um livro póstumo, *Os contos de Valério Santiago*, que reúne contos escritos na década de 1940 sob esse pseudônimo para a *Revista Atenas*, suplemento literário do jornal *O Imparcial*. No jornal *A Hora*, este pseudônimo assinou quatorze artigos ao longo de 1928, os quais se apresentavam sempre dispostos na primeira página, comentando, principalmente, sobre a política nacional, além dos mais diversos acontecimentos locais.

Em 1903, quando colaborador do jornal *A Campanha*, estreou a seção literária “Letras e typos”, e nesta apresentou o pseudônimo “Junius Viactor”, caracterizando-o como o mais antigo. Nesta seção, “comentava as produções literárias dos jornais da época, sua análise era direta e concisa: sem rodeios, elogiava ou criticava, mostrando acertos e erros e, por vezes, corrigindo-os” (CARDOSO, 2013, p. 101). Junius Viactor também assinou artigos no jornal *A Hora*, no decorrer de 1928, isto é, nove publicações, que apareciam dispostas na primeira página, as quais abordavam desde acontecimentos locais até fatos internacionais.

Durante a análise do referido jornal, dois pontos nos chamaram a atenção. Primeiro o fato de haver uma quantidade limitada de textos assinados com o próprio nome de Nascimento Moraes, e segundo a presença de outros pseudônimos os quais assinavam artigos, onde podemos perceber traços característicos de sua escrita. Por saber da vitalidade de seu cálamo, decidimos analisar a possibilidade de que tais pseudônimos pudessem pertencer a ele, os quais se encontram dispostos no quadro abaixo.

⁶ Gomes (2015) cita o pseudônimo como “Victor”, mas de acordo com as fontes originais dispostas nos documentos analisados julgamos ser a escrita correta “Viactor”.

Quadro 2: Possíveis pseudônimos de Nascimento Moraes no jornal *A Hora*

Pseudônimo	Coluna	N. textos identificados	Temática abordada
F. Barba Roxa	Nos meandros da política	37	Política
El-Mansor	Os outros	28	Comentários Críticos
J. H. Harrison	X	5	Educação, assuntos diversos
Chico Bombacha	Caixa de aifinins	43	Assuntos diversos

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Jornal *A Hora*.

“F. Barba Roxa” e “El-Mansor” assinaram colunas regulares e bem destacadas, visto o espaço que seus artigos ocupavam no jornal. “F. Barba Roxa” assinava a coluna “Nos meandros da política”, a qual sempre se apresentava na primeira página explanando sobre as questões políticas tanto no âmbito local quanto no nacional. Já “El-Mansor” assinava a coluna “Os outros”, que sempre se encontrava disposta na última página. Nesta, tecia comentários sobre as edições dos principais jornais que circulavam na capital ludovicense.

Ao pesquisarmos no acervo digital da Biblioteca Nacional, encontramos estas mesmas colunas dispostas com o mesmo conteúdo no jornal *Diário de São Luiz*. Das duas, apenas a coluna “Os outros” se apresentava assinada, e com o mesmo pseudônimo, “El-Mansor”. Atentamos ao fato de Nascimento Moraes ter exercido o cargo de redator-chefe neste jornal durante todo seu período de vigência, o que nos leva a supor que, possivelmente, estes possam ser pseudônimos utilizados por ele nos dois jornais.

“J. H. Harrison”, assinou alguns poucos artigos no jornal *A Hora*. Seus textos encontravam-se sempre dispostos na primeira página e abordavam temáticas referentes à educação e a intelectualidade em um contexto de mundo. Sobre isto, fitamos um artigo em particular intitulado como “Livros didáticos”. Neste texto, o autor tece brilhantemente uma crítica sobre o *Compêndio de Geografia* do Sr. Mário da Veiga Cabral, analisando cada capítulo com ares de grande conhecedor da ciência. Colocando em pauta o fato de que Nascimento Moraes foi professor catedrático de Geografia do Liceu Maranhense e a tão bem-feita análise do dito livro, avaliamos que “J. H. Harrison” possa ter sido mais um pseudônimo utilizado por ele neste jornal.

Por fim “Chico Bombacha”, pseudônimo que assinou 43 artigos, todos dentro da coluna “Caixa de aifinins”. A coluna se apresentava na primeira página e dispunha de longos artigos de opinião, explanando sobre os mais diversos assuntos. Analisando os escritos, um em especial nos chamou a atenção. Neste texto, o autor narra saudosamente algumas lembranças que lhe transcenderam após encontrar um papel amarelado dentro de um livro carunchado.

Dentre as lembranças, conta que se transportou para a sala de jantar de seu inesquecível amigo, mestre e professor Manoel de Bethencourt. Atentamos ao fato de que este que foi o grande mentor de Nascimento Moraes em sua carreira jornalística, e diante de comentários carregados de tão grande estima, supomos que possivelmente “Chico Bombacha” possa ter sido mais um pseudônimo utilizado por ele no jornal.

2 O PEDAGOGISMO DE NASCIMENTO MORAES NO A HORA

Em sua longa carreira intelectual, Nascimento Moraes exerceu junto ao dever de informar, o de educar. Iniciou a docência em 1901, quando, na residência da família, na rua da Cruz, passou a lecionar preparatórios do ensino secundário. Nesse mesmo endereço, funcionou em 1902 o Colégio Gomes de Sousa, dirigido pelo seu irmão Raimundo Nascimento Moraes (CRUZ, 2016).

Cruz (2022a) nos diz que seu bom desempenho escolar, enquanto secundarista do Liceu Maranhense e o seu contato direto com destacados literatos e jornalistas que exerciam a docência no ginásio, atrelado às suas necessidades econômicas, resultaram em sua iniciação na carreira docente.

Quando em 1904 mudou-se para Manaus, lá prosseguiu com sua carreira docente, tornando-se professor do “Atheneu Amazonense”, fato que pode ter contado como ponto bastante positivo para seu desenvolvimento em salas de aula. Mas embora estivesse estabelecido e em companhia de seu irmão Raimundo do Nascimento Moraes, não demorou para que deixasse as terras amazonenses e retornasse ao Maranhão, em 1905.

Logo após seu retorno, deu continuidade à sua atividade docente e, em 1907, já dispunha de seu próprio estabelecimento de ensino, o Instituto Nascimento Moraes, o qual ofertava tanto o ensino primário quanto o secundário.

Em publicação do jornal *Pacotilha*, é descrita parte do corpo docente do Instituto, o que contava com José Alípio Moraes, no ensino primário, ministrando as disciplinas de Música e Desenho; já no ensino secundário, o Instituto contava com Antônio Jansen de Mattos Pereira, ensinando História Geral e do Brasil, Oscar Galvão, para ensinar Ciências Naturais, Eduardo José de Albuquerque Melo, para o ensino teórico de Francês e Inglês, e Ignacio Xavier, para o ensino de Literatura Pátria. As aulas de Português, Geografia Geral e Matemática Elementar ficariam a cargo do diretor, Nascimento Moraes (PACOTILHA, n. 18, 21 jan. 1907, p. 2).

Ainda sobre o Instituto, Gomes (2015, p. 146) nos diz que:

Não se pode afirmar a data exata de criação e de extinção do “Instituto Nascimento Moraes”, tampouco detalhes da estrutura física do prédio, público-alvo, programa de ensino, se havia ou não alvará de funcionamento, por quanto tempo subsistiu esta escola e de que forma Nascimento Moraes angariou fundos financeiros para ter sua instituição particular. Inclusive ele

fez referência na sua obra *Puxos e Repuxos* (1910), para se defender da acusação feita por Antonio Lobo, de que um aluno teria sido maltratado nesta escola particular.

Acumulando ampla experiência no ensino particular, em 1911 surge a oportunidade de Nascimento Moraes iniciar suas atividades no ensino público. Segundo Gomes (2015, p. 147), “[...] no governo de Luiz Domingues da Silva, foi nomeado para reger interinamente a cadeira de Álgebra, Aritmética e Geometria da Escola Normal no dia 28 de abril de 1911, de acordo com a portaria nº. 344”.

Segundo Cruz (2021, p. 302):

[...] como docente da escola normal do estado, em 1918 também lecionou as disciplinas de português e pedagogia no terceiro ano [...] e em 1938, também passou a ensinar a cadeira de geografia no curso complementar da mesma escola normal. Na década de 20, como professor, permaneceu no ensino público, exercendo suas atividades no liceu maranhense e na escola normal do estado.

No tocante ao concurso para a vaga de professor de Geografia e Corografia no Liceu Maranhense, Nascimento Moraes concorreu com o bacharel em Ciências e Letras Raimundo Lopes da Cunha, obtendo êxito. Cruz (2021, p. 301) nos diz ainda que “Aprovado no concurso, tornou-se catedrático de Geografia, sendo mestre de várias gerações de maranhenses ilustres, exercendo a docência até 1953, quando foi aposentado”.

Embora Nascimento Moraes não tenha deixado livros de caráter pedagógico, durante toda a sua trajetória pelos principais jornais maranhenses, fez inúmeras contribuições no campo da educação através da publicação de artigos. No jornal *A Hora* não seria diferente; identificamos uma quantidade significativa de escritos que abordam a instrução maranhense e que caracterizam seu pensamento educacional à época. Em seus escritos educacionais, analisa o estado da educação maranhense e dispõe de possíveis causas e soluções para os problemas encontrados, discute sobre a modernização do ensino, com emprego de métodos modernos e investimentos materiais e na formação docente; sempre tomando partido acerca do analfabetismo e a escolarização de pobres.

2.1 A Educação Pública na administração Magalhães de Almeida no *A Hora*

Nos escritos analisados acerca da instrução maranhense, no tocante à administração pública, observamos que Nascimento Moraes tece inúmeros elogios ao governo de Magalhães

de Almeida no que se refere aos atos educacionais. Como já citado anteriormente, em fevereiro de 1928, é enviado ao Congresso o relatório do segundo ano do governo. Nascimento Moraes publica no jornal trechos comentados do documento, divididos em 8 artigos sob o título “Mensagem do Presidente do Estado”.

A partir do artigo IV, são abordados os feitos na instrução pública, onde é destacado, primeiramente, os feitos do presidente para melhorar as condições do ensino primário. Quanto ao ensino primário, diz:

Os nossos aplausos às medidas que aprovou e que muito colaborarão, se forem postas em prática, para o desenvolvimento da educação da mocidade maranhense. Diz o Sr. Exc.: “Mantiveram-se a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário, estabelecendo-se para a eficiência desta e para a boa localização das escolas, o recenseamento das crianças em idade escolar de três em três anos”. Está-se a ver, à simples inspeção, o quanto esta medida poderá concorrer para o engrandecimento de nossa instrução pública, o quanto vai proteger as crianças que por aí vivem ao léu, mergulhadas na mais profunda ignorância e sem a mais rudimentar educação moral (A HORA, 16 fev. 1928, p. 1).

Nesta fala, observa-se que Nascimento Moraes tem apreço pelo governo de Magalhães de Almeida, demonstrando um jornalismo de conciliação com o governo. Ele tece elogios manifestando acreditar que a partir desse governo os direitos das crianças pobres maranhenses seriam respeitados com a garantia da gratuidade e obrigatoriedade escolar. De acordo com o Relatório do Presidente de Província do Maranhão (1927), foi criada uma comissão composta de dez professores de estabelecimento público, os quais foram eleitos pelos colegas de todo o Estado, e de dois professores primários de notória competência, designados pelo diretor-geral, para realizar o recenseamento das crianças, além de lembrar as medidas e reformas necessárias ao progresso do ensino e indicar prêmios e recompensas aos alunos que se distinguiram.

Em seu mandato, Magalhães de Almeida logrou que o sistema de instrução pública obtivesse significativa evolução. Foram criadas mais de 100 escolas em todo o Estado, além de grandes avanços frente à expansão da rede de ensino, sendo um dos mais importantes a reforma do ensino primário, em 1927. O novo regulamento advindo da reforma também assistia ao serviço de sanidade escolar, assistência, subvenções, construções de prédios escolares, ensino particular e outros assuntos conducentes ao aperfeiçoamento do Ensino Primário (FERNANDES, 2003).

Porém, diante dos elogios, Nascimento Moraes não deixava de expressar sua preocupação sobre o fato de que todos os aperfeiçoamentos advindos da reforma, em especial a obrigatoriedade do ensino primário, só se estabeleceriam plenamente após a criação das caixas escolares. As caixas escolares seriam um fundo implementado nas escolas com o objetivo de arrecadar recursos na forma de doações em dinheiro ou em materiais, os quais seriam destinados aos alunos pobres ou carentes, de modo a garantir sua permanência (ZONIN; DA SILVA; PETRY, 2018).

Esclarece ainda que talvez não fosse do conhecimento do governador o fato de que no começo do ano eram numerosas as matrículas e que depois as frequências não correspondiam ao número de alunos matriculados, o que se dava em decorrência da falta de recursos dos pais paupérrimos em adquirir os materiais exigidos pelas escolas, como livros e vestimentas adequadas.

No regulamento da instrução pública no Maranhão publicado no ano de 1923, já se registrava o caráter gratuito e obrigatório do ensino primário, embora fosse definido como um dos critérios para isenção da obrigatoriedade, os pobres em situação de indigência, ou seja, aqueles pobres sem condições de se vestirem conforme a exigência da época (CRUZ, 2020). Reafirma ainda que as caixas escolares poderiam sanar essa dificuldade porque, desse modo, a obrigatoriedade do ensino primário não seria somente uma belíssima esperança, mas um fato realizado.

No mesmo artigo, Nascimento Moraes cita ainda o fato de ter sido transformado o segundo turno da Escola Modelo em um grupo escolar, denominado Barbosa de Godóis e elogia veemente o feito.

Conforme Oliveira (2021, p. 2):

Antônio Baptista Barbosa de Godois, foi um professor da Cadeira de Pedagogia na Escola Normal do Maranhão, o qual visando o progresso pedagógico que circulava nas capitais europeias, iniciou tímidas lições didáticas em sala de aula para introduzir na formação das normalistas tendências pedagógicas europeias modernas.

O livro *O mestre e a escola*, publicado em 1910, foi escrito pelo professor normalista acima referido e oferecido às normalistas da Escola Normal do Maranhão, o qual exemplifica a realidade socioescolar e que, por coincidência ou consequência, sua circulação antecedeu uma grande reforma tanto na Escola Normal como na Instrução Pública do Estado do Maranhão em 1914 (GODÓIS, 1910 *apud* OLIVEIRA, 2021).

2. 2 Defesa da escolarização das crianças pobres

No artigo de número V, Nascimento Moraes chama a atenção do Presidente do Estado para o fato de as escolas públicas primárias não serem frequentadas pelas crianças pobres a quem eram destinadas, mas que faziam a lotação desses espaços, quase que exclusivamente, as crianças que dispunham de recursos, as quais poderiam frequentar institutos e escolas particulares. Diz ainda que:

[...] será frustrada a disposição do governo em beneficiar a infância desvalida, grande soma continuará o Estado a gastar com a instrução primária improficuamente. Continuará a crescer dolorosamente, o número de analfabetos, e conseqüentemente dos mal-intencionados, dos criminosos, dos desclassificados de toda a espécie, enquanto o governo pensará que seus esforços estão colimando o objetivo superior que lhe impulsiona o trabalho administrativo (A HORA, ano III, n. 39, 16 fev. 1928, p. 1).

Neste trecho, podemos notar, com bastante clareza, sua expressiva preocupação com a educação dos menos favorecidos, e como o ensino poderia ser a chave para sanar grandes problemas da sociedade. Em análises a seus escritos na década de trinta, observa-se que esta continuava sendo uma inquietação constante; a defesa da escolarização em massa, como forma de combater as desigualdades sociais, continuava fortemente registrada nos escritos de Nascimento Moraes.

Em Cruz (2022b, p. 198), lê-se que:

Em 1933, no artigo “Ainda educação popular: um caso maranhense” publicado em *Notícias*, de 9 de maio (p. 1), ele demonstra que acreditava que a escolarização em massa seria uma demanda do novo regime. Algo que não havia sido contemplado com a instituição da Primeira República no Brasil, e que, com a Segunda República, seria finalmente resolvida, já que esta questão se impunha como condição para o desenvolvimento do país.

Acontece que os problemas educacionais aparentam ter se agravado ao passar dos anos. Ainda em 1928, Nascimento Moraes demonstrou sua preocupação com as crianças que moravam no interior do Estado, colocando em evidência que os problemas de pobreza dessas regiões eram bem mais acentuados do que para os que habitavam na capital, e por isso a evasão por falta de materiais escolares tornava-se mais evidente (A HORA, ano III, n. 39, 16 fev. 1928, p. 1).

Em Cruz (2022b), no artigo “Um brocardo popular”, publicado originalmente em *Notícias*, em 10 de maio de 1933, Nascimento Moraes relata o problema do fechamento de grupos escolares na capital, devido à baixa frequência escolar, e reforça a péssima situação

expondo o fechamento de escolas também no interior. No texto, deixa registrada a precariedade das escolas do interior, assim como descreve as dificuldades enfrentadas pelos professores em um meio extremamente pobre, onde ainda se empregava o ensino individual, apesar da grande propaganda que estava em vigência em torno dos métodos modernos.

2.3 Descontentamento de Nascimento Moraes com o Diretor Geral da Instrução Pública

É sabido que Nascimento Moraes nutria grande afeto para com o governo de Magalhães de Almeida, assim como era notável seu despreço em relação ao trabalho do Diretor-Geral da Instrução Pública, Luis Vianna, com quem já havia travado grande batalha pelo *A Hora*, na ocasião em que seu filho Ápio Cláudio foi suspenso do Liceu.

Em agosto de 1928, Luis Vianna pediu a exoneração dos cargos que desempenhava no governo, partindo para São Paulo onde já o aguardava importante emprego no Butantan. A partir de então, Nascimento Moraes publicou três artigos (ANEXOS 11-13) comentando criticamente sobre a sua atuação à frente dos cargos públicos que exerceu.

Os artigos possuíam o mesmo título: “O Sr. Luis Vianna”, e se apresentavam sempre dispostos na primeira página. Nascimento Moraes começa sua análise com o seguinte questionamento: o que fez de proveitoso o Sr. Luis Vianna para o ensino primário? A resposta vem logo em seguida “ninguém o sabe, ninguém o prova”, e discorre sobre como o ex-diretor não conseguiu suscitar ao governo do Estado medidas que transformassem em realidade o ensino primário no interior do Maranhão. Expõe que muito se esperava de sua administração, que este viria para restaurar a instrução pública no Maranhão, tendo em vista seus apregoados méritos (A HORA, ano III, n. 183, 23 ago. 1928, p. 1).

Nos artigos seguintes, atribui ainda a Luis Vianna, o fato de o Maranhão não acompanhar os trabalhos de grandes autores que fundamentaram as reformas do ensino que aconteciam nos outros Estados brasileiros, com ênfase nas que se realizavam em Minas Gerais de 1906 (Reforma João Pinheiro) a 1928 (Reforma Francisco Campos), as quais objetivavam difundir a escola primária naquele Estado criando/recriando novos sujeitos para o contexto social urbano, principalmente, no âmbito da escola primária, portadora de novos conteúdos, métodos de ensino e práticas pedagógicas (CARVALHO, 2012).

Nascimento Moraes expõe ainda que não esperava que Luis Vianna fizesse uma boa administração da instrução pública, porque:

[...] sendo Diretor da Escola de Farmácia e Odontologia, professor da mesma Escola, lente de História Natural do Liceu, Diretor do Liceu e da Escola Normal, técnico ou coisa que o valha do Instituto Oswaldo Cruz, diretor químico ou que queiram da Farmácia do Norte, certamente não podia desempenhar-se de tão árdua tarefa com tão grandes responsabilidades. O sr. Luis Vianna só tinha um jeito - falhar, como de fato, falhou, aos elevados intuitos do Comandante Magalhães de Almeida presidente do Estado (A HORA, ano III, n. 195, 25 ago. 1928, p. 1).

Apesar de Nascimento Moraes deixar nítida sua desaprovação com o trabalho exercido pelo colega, tecendo várias justificativas que abonassem sua opinião, devemos salientar que os dois eram reputados como inimigos pessoais, o que de fato poderia resvalar em suas convicções.

No tocante ao presidente do Estado, no relatório do terceiro ano do seu governo, dispõe que Luis Vianna exerceu suas funções com dedicação e competência, e que deveriam ser recordados com justiça os bons serviços prestados à instrução pública durante o tempo da sua gestão (MARANHÃO, 1927). Para substituí-lo nos ditos cargos, foi nomeado o Dr. Clarindo Santiago.

Sobre o então novo Diretor-Geral da Instrução Pública, Nascimento Moraes redige vários elogios ao seu trabalho. Declara estar de bons palpites quanto ao seu desempenho à frente do cargo, especialmente, por este pôr em prática as conferências pedagógicas, o que ele delibera como uma das poucas cláusulas que se aproveitasse do regulamento elaborado pelo ex-diretor. Sinaliza também como bastante positiva a iniciativa do novo diretor em introduzir no ensino primário os testes pedagógicos, mas desde que houvesse segura orientação na prática, divisão de trabalho, graduação nos exercícios e perícia em conduzi-los até o seu maior desenvolvimento.

Como de praxe, Nascimento Moraes não deixa de expor sua opinião sobre como se deve orientar o ensino maranhense, defende veemente que sejam levados em consideração os passos tomados por alguns Estados que, ao seu ver, saltam à frente quando adotam lições de países como Alemanha, Áustria, Bélgica e os Estados Unidos.

Defendeu também que fossem levados em consideração os trabalhos de grandes intelectuais brasileiros que se preocupavam com a solução dos problemas da instrução pública. Dentre os trabalhos intelectuais, cita as análises educacionais de Rui Barbosa, as contribuições da revista pedagógica *A Educação*, dirigida pelo Sr. José Augusto, as análises do professor Julio Nogueira, de Azevedo Sodré, de Carneiro Leão, de Frota Pessoa, de Mario Pinto Serva e muitos outros que se empregavam da orientação que se devia dar à instrução pública sobre o ponto de vista educacional (A HORA, ano III, n. 201, 31 ago. 1928, p.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que Nascimento Moraes chega ao jornal *A Hora* desfrutando de maturidade, aos 44 anos, além de já usufruir de extensa carreira jornalística. Quando chegou a esta folha, deu continuidade a seu trabalho combativo já conhecido em jornais anteriores. Nascimento Moraes atuou no jornal *A Hora* desde sua inauguração, em 1926, até o encerramento de suas atividades em 1928; a princípio, ocupou o cargo de redator-chefe e, mais tarde, em junho de 1928, tornou-se proprietário desta folha.

Em *A Hora*, escreveu sobre os mais diversos assuntos. Durante sua passagem por este jornal, Nascimento Moraes se consolidou como notável polemista, tendo em vista a forma como combatia as implicações impostas por seus adversários, dando-lhes respostas precisas e fundamentadas em provas. Apesar de combativo, Nascimento Moraes demonstra um jornalismo de conciliação com o governo de Magalhães de Almeida, deixando de se comportar como jornalista de oposição.

No *A Hora*, Nascimento Moraes chama a atenção pela defesa da instrução pública, obrigatória e gratuita para as crianças pobres, o que é uma marca de sua preocupação quando o assunto é educação.

Dado o exposto, explorar os escritos de Nascimento Moraes pelo jornal *A Hora*, tornou-se uma experiência gratificante e muito rica, levando em conta sua influência como um dos maiores intelectuais maranhenses do século XX. Através das análises de seus escritos, fizemos contato com uma parte da história maranhense inexplorada e que muito pode contribuir para com futuros pesquisadores, em especial aqueles que buscam informações sobre a ascensão da intelectualidade negra em épocas tão remotas.

Finalizo reiterando que, neste processo investigativo, salientamos sua força e personalidade obstinada, demonstrada claramente em cada parágrafo de sua enérgica atividade intelectual sobre os mais diversos assuntos, com destaque no meio cultural, político e educacional.

FONTES

- A Hora*, São Luís, 4 jan. 1928, ano III, n. 4, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 16 jan. 1928, ano III, n. 12, p. 2
- A Hora*, São Luís, 25 jan. 1928, p.1.
- A Hora*, São Luís, 10 fev. 1928, ano III, n. 24, p. 1
- A Hora*, São Luís, 16 fev. 1928, n. 39, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 1.º mar. 1928, n. 49, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 6 mar. 1928, n. 58, p.1.
- A Hora*, São Luís, 14 abr. 1928, n. 86, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 30 maio 1928, n.125, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 4 jul. 1928, n. 154, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 9 jul. 1928, ano III, n. 158, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 24 jul. 1928, ano III, n. 168, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 28 jul. 1926, ano I, n. 1, p.1.
- A Hora*, São Luís, 7 ago. 1928, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 21 ago. 1928, ed.191, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 22 ago. 1928, ed.192, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 23 ago. 1928, ano III, n. 193, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 25 ago. 1928, ano III, n. 195, p. 1.
- A Hora*, São Luís, 31 ago. 1928, ano III, n. 201, p.1.
- A Hora*, São Luís, 27 set. 1928, p. 1.
- Diário de São Luís*, São Luís, 5 abr., 1924, n. 82, p. 3.
- Diário de São Luís*, São Luís, 16 out., 1920, n. 1, p. 1.
- Folha do Povo*, São Luís, 29 jul. 1926, ed.111, p. 2.
- O Imparcial*, São Luís, 13 maio 1928, n. 682, p. 2.
- O Imparcial*, São Luís, 29 jul. 1926, n. 75, p. 7.
- O Imparcial*, São Luís, 21 set. 1927, n. 464, p. 2.

O Imparcial, São Luís, 22 set. 1927, n. 465, p. 1.

O Imparcial, São Luís, 19 out. 1926, n.146, p. 6.

Pacotilha, São Luís, 21 jan. 1907, n. 18, p. 2.

Pacotilha, São Luís, 10 fev. 1928, n. 34, p.1.

Pacotilha, São Luís, 11 ago. 1908, n. 189, p.1.

Pacotilha, São Luís, 4 nov. 1924, n. 249, p. 1.

Pacotilha, São Luís, 9 nov. 1908, n. 265, p. 1.

Pacotilha, São Luís, 14 nov. 1908, n. 270, p.1.

Pacotilha, São Luís, 29 nov. 1897, p. 3.

Pacotilha, São Luís, 27 dez. 1898, p. 2.

REFERÊNCIAS

ABL. **Viriato Correia**. Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/viriato-correia/biografia>. Acesso em: 10 jun. 2023.

AML. **Francisco de Assis Garrido**. São Luís. 2022 a. Disponível em: <https://academia.maranhense.org.br/ocupantes/francisco-de-assis-garrido/>. Acesso em: 22 maio 2023.

AML. **Francisco Sotero dos Reis**. São Luís. 2022 b. Disponível em: <https://academiamaranhense.org.br/patronos/sotero-dos-reis/>. Acesso em: 10 maio 2023.

AML. **Antonio Francisco Leal Lobo**. São Luís. 2022 c. Disponível em: https://www.academiamaranhense.org.br/inf_aml/antonio-francisco-leal-lobo/. Acesso em: 26 maio 2023.

AML. **Manuel Francisco Pacheco**. São Luís. 2022 d. Disponível em: https://www.academiamaranhense.org.br/inf_aml/manuel-francisco-pacheco/. Acesso em: 10 jun. 2023.

AML. **Antonio Henriques Leal**. São Luís. 2022 e. Disponível em: <https://academia.maranhense.org.br/patronos/antonio-henriques-leal/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

ARAÚJO, A. G. de. **Em nome da cidade vencida: a São Luís republicana em José do Nascimento Moraes (1889 a 1920)**. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16960/1/AdrianaGA DISSERT.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.

CAPELATO, M. H. R. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, P. R. L. **Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”**: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República (2013). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013. Disponível em: <https://portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=download&id=95203>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CARREIRA, Rosângela Aparecida Ribeiro; NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Autoria e autoralidade: o movimento paratópico de um pseudônimo. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 36, p. 127-139, jan./abr. 2020. DOI: 10.15210/cdl.v0I36.17197. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/17197>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CARVALHO, L. B. de O. B. de. **Reformas educacionais em Minas Gerais: instrução primária, modernidade e progresso (1906-1928)**. Revista HISTEDBR (Online), Campinas, SP, v. 12, n. 46, p. 219–237, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640082>. Acesso em: 3 fev. 2023.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **FGV**, 2013. BRASIL, Assis. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRASIL,%20Assis%20\(emb.\).pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRASIL,%20Assis%20(emb.).pdf) Acesso em: 29 maio 2023.

CRUZ, M. S. A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX. **Revista Brasileira de História** (Online), v. 36, p. 209-230, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/Q9mT4xs6pNRWWdGvRcHsP6G/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 27 jul. 2023.

CRUZ, M. S. Calçados e “vestuário decente e simples” como condição para instrução primária: uma análise sobre a obrigatoriedade escolar no Maranhão. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 27, n. 3, p. 363–389, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12861>. Acesso em: 2 maio 2023.

CRUZ, M. S. Nascimento Moraes, docência e jornalismo em mais de 50 anos de imprensa no Maranhão. **Outros Tempos** (Online), vol. 18, n. 32, 2021, p. 298-326. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/download/842/911/3037 . Acesso em: 23 maio 2023.

CRUZ, M. S. Erudição e racismo na trajetória ascendente de uma família negra do Maranhão. **Revista Brasileira de História** (Online), v. 22, n. 1, p. e211, 1 jul. 2022a. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e211> . Acesso em: 25 maio 2023

CRUZ, M. S. Escritos do professor Nascimento Moraes em jornais da década de 1930 como material de aprendizagem na disciplina história da educação brasileira: pela visibilidade de intelectuais negros na formação de professores. In: Ariadne Lopes Ecar; Surya Aaronovich Pombo de Barros. (Org.). **História da educação: formação docente e a relação teoria-prática**. São Paulo: FEUSP, 2022b, v. ÚNICO, p. 186-212. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/757> Acesso em: 10 de jul. 2023.

FERNANDES, H. C. **Administrações maranhenses: 1822-1929**. São Luís: Instituto Geia, 2003.

GOMES, E. P. **A trajetória docente de José do Nascimento Moraes na primeira metade do século XX**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2015. Disponível em: <https://tede.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/1699> . Acesso em: 22 jan. 2023.

KRILOW, L. S. W. Jornal como fonte e/ou objeto da escrita histórica: proposta metodológica aplicada à análise das representações sobre “o político” na “grande imprensa carioca” de 1955 a 1960. **Oficina do Historiador**, v. 12, n. 1, p. e 33745, 4 out. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador-/article/view/33745/>. Acesso em: 23 maio 2023.

LEANDRO, E. G.; PASSOS, C. L. B. **O paradigma indiciário para análise de narrativas**. Educar em Revista, Curitiba, v. 37, n. esp., p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://>

www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfcHxwYm3Q8zB/?format=html&lang=pt Acesso em: 29 jun. 2023

MACHADO, Nauro. **Esferas Lineares: 4 Estudos Maranhenses**. São Luís: SECMA, 1996.

MARANHÃO. Secretária de Estado da Cultura. Biblioteca Pública Benedito Leite. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**. São Luís: Edições SECMA, 2007.

MARANHÃO. **Relatório Presidencial Provincial: Maranhão**. São Luís, 1927. Disponível em: <http://ddsnxt.crl.edu/titles/169#?c=0&m=165&s=0&cv=0&r=0&xywh=-167%2C817%2C2371%2C1673>. Acesso em: 10 jul. 2023

MATOS, M. F. B. JORNAL PACOTILHA: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História, [S. l.]**, v. 18, n. 32, p. 398-407, 2021. DOI: 10.18817/ot.v18i32.862. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/862 . Acesso em: 14 jun. 2023.

MEDEIROS, F. N. S., RAMALHO, M. e MASSARANI, L. A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros, **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online], v. 17, p. 439-454, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-5970201000200010>> Acesso em: 13 abr. 2023.

MEIRELES, M. M. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online], v. 25, p. 59-76, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000200004>> Acesso em: 12 abr. 2023.

MONTEIRO, A. J. M. **Vislumbre da alma da cidade: uma construção da imagem do lugar através do livro História de Vassouras**. Unirio. 2016. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese62.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2023.

MORAES, J. **Perfis Acadêmicos**. São Luís, AML, 2014.

MOREIRA, Neiva. Nascimento Moraes. In: MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

NASCIMENTO, A. C. (org). **Catálogo dos jornais maranhenses existentes na Biblioteca Benedito Leite, 1821-2006**. São Luís, 2007.

OLIVEIRA, Rosângela Silva. **Lições da pedagogia moderna na escola normal do maranhão: orientações metodológicas em 1910**. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80428> . Acesso em: 15/06/2023

PEREIRA, A. T. **Disputas faccionais e construções de “ismos”**: inscrições político-jornalísticas no Maranhão (1930-1960). Tese de doutorado. Universidade Federal do

Maranhão. São Luís, 2018. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2397>. Acesso em: 22 abr. 2023.

ZONIN, S. A.; DA SILVA, V. L.; PETRY, M. G. Assistência à infância escolarizada: a caixa escolar em cena. **Revista Brasileira de História da Educação**, vol. 18, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e007> . Acesso em: 30 mar. 2023.

Anexo 3: Imagem da primeira edição do jornal A Hora, página 3.

A HORA - Quarta-feira, 28 de Julho de 1926

Uma data maranhense

Podem-me uma chronica para o novo jornal A HORA, e eu não sei o que escrever, pois, ando com o intellecto bronce e atallado da grezes.

A FOLHA, que é o meu predilecto jornal, onde tabicaco desde a sua fundação, abraçara ultimamente como collaborador o meu amigo Tito Novaco e esse, quando eu quiz publicar uns versos, deu-me tantas das bordoadas, que, estorcei na minha carreira de vale e jornalista.

Logo nada tem a ver, com UMA DATA MARANHENSE, dirá o leitor. E' exato e eu não vou contrallizelo, porém, gonto dum toleiro.

Os maranhenses na data de hoje devem existirem do contentamento e o caso não é para menos. Eu, fazendo parte desse grupo, hei de telegraphar ao Presidente do Estado, da República e certo mesmo, a toda America Latina, congratulando-me por mais esta data gloriosa do meu Estado.

Um grande dia, uma grande data essa que decorre hoje!!!

Somos tambem os unicos no Brazil que gozamos o titulo de Athletenses, portanto, o talento a belleza de discernir nos assisto. Temos nesta terra dialécticos como Plauto, oradores como Demosthenes, sábios como Demócrito, estadistas como Petricus.

Essa asserção é verdadeira e tanto ha nisso do sincero, que a Independencia do Brazil, hoje feita a 7 de Setembro e não só a adherimos em 28 de Julho do anno seguinte!

Esta annos pensando... co-ordinando idéas e fabricando versos.

Mas, quando adherimos foi para ser ver: O Sr. L. e D. Cochrane, abilitante ingenho, apresentara-se alli no Buzim com um palaboteo, arrou o ferro e gritou de bordo:

Athenienses, eu estou aqui no Itaquí... vosses agora escolhai: Independencia ou esbandalho esse phantasma de sa buá!

Precisam que saibam, que Independencia é a palavra magica, que em si representa um mundo de coisas.

Independencia é o expediente maximo da liberdade, em que o povo é governado num equilibrio pelo estado de sitio, sem ter o direito do discernimento.

Independencia é o simbolo do progresso e nesse figuram as installações para luz electrica prometidas a energia de 800 e mas que o povo terá de pagar a 15000 sem o topete de bular.

Independencia é se pagar uma dimitida para obras de porto sem ter o porto, pagar exato sem se ter exatos.

Independencia é uma companhia ou empresa encarregada do fornecimento d'agua, mandar adaptar hidrometros em todas as residencias, para que seja cobrado um povo que sofre de canicula, tomar banhos, em que a hygiene passará a um mytho, eu entao o custo da agua e luz, terá maior que o aluguel do predio.

Independencia, bando de li teratos, é o diabo que os carrega...

Estridulas palmas são paritadas daquelle trapiche que o B. Passos fizera no fundo do Caboto sem, enquanto a turba commettava e bradava. E' muito gentil esse lord!!! Muito bem!!! muito bem...

Na tarde desse mesmo dia, sulcava uma das embarcações do Almeida, em rumo ao sul, com um a commissão e um abaixo assignado dos meus contreraneos, pedindo a Dom Pedro I, que concedesse ao almirante ingles o titulo de: Marquez do Maranhão...

ANOS.

Eduardo Burnett & C.

Successores

Oliveira Neves & C.

Rua Candido Mendes n. 8A—Canto com a rua Duzenbarador Cunha Machado MARANHÃO BRASIL

Endereço Postal: Caixa n. 99 — Endereço Telegraphico: BURELO

Secção Bancaria

todas as operações bancarias e cambriarias, saques sobre as principais praças do pais e do estrangeiro, e todas as localidades do interior de Portugal e Colômbia.—Cobranças em todas as praças da Republica, do interior deste e do Estado do Piauí, a modica comissão.

Secção de Fazendas

sempre grande e variado sortimento de tecidos e outros artigos a preços raaesais a grosso

Secção de Exportação

compram todos os generos do pais, especialmente algodão e couros de boi, a preços vantajosos, em todas as praças deste e do Estado do Piauí.

CODIGOS USADOS:

Ribeiro, A. B. C., 5 (ed. melhorada) Peterson's, Bentley's e outros.

AGENTES DA

Alliance Assurance Company, Limited, de Londres Anglo-Mexican Petroleum Comp., Ltd., Rio Companhia de Seguros Guanabara, Rio.

Mme. Machado

Recebo sempre as ultimas novidades em chapéus para senhoras, senhoritas e creanças.

RUA OSWALDO CRUZ, 4 17-30

PELA BANDEIRA

Para o espirito lucido de Joaquim Aires

Meu filho, se, algum dia, esta bandeira fer, por homens estranhos, ultrajada que esse ultraje tu sintas na alma inteira como um golpe cruel de punhalada.

Nunca hesites, sequer, na verdadeira obrigação de uma alma bem fallhada:—sejas sempre o primeiro, a alma primeira que a voz se esculte e que levante a espada.

Vai para os campos de batalha, vai! Cobre de palmas e de louros novos a cabeça orgulhosa de teu pai!

E se tombares,—morre heroicamente mostra aos povos de além, aos outros povos, como sabe morrer a nossa Gente!

ASSIS GARRIDO

Um frade pobre... e Santo

No proximo dia 4 de Outubro decorre o VII Centenario da morte de S. Francisco de Assis. A commemoração desta data memoravel prepará pelo mundo inteiro como uma corrente magica, despertando os espiritos, abençoando os animos, e vitalizando a fé e o caracter dos povos.

Na Italia, sob os auspícios do Sim. Mussolini, que já decretou festejos a dia 4. «Festa Nacional», realizar-se-á tambem uma Exposição Internacional do Arte Franciscana.

Dizem-nos os jornais que S. S. Pio XI e Alfonso XIII, Rei da Espanha, acabaram de aceitar as presidencia das respectivas Comissões com o fim de preparar as solemnidades centenarias.

E' conhecida a nobre mensagem do chefe do governo da Italia recordando a vida do Santo, que «com Dante Alighiere, Leonardo da Vinci e Christovam Colombo, é o orgulho e a gloria de uma raça».

S. Francisco de Assis Não foi somente o devoto pregoeiro da religião do amor e da caridade, foi o humilde Doutor, o maior poeta da Italia que passou na terra exercendo a sua alta missão sem que a vaidade lhe desmentasse o espirito, sem que uma violencia lhe maculasse o caracter, pregando a Paz, o Amor e o Bem.

«Pax et Bonum! Era o seu lema».

Enverga os hombros humildes

A HORA desportiva

DUBLIN X GUARANY

Hoje ás 16 horas, bater-se-á em «estadio de foot ball», no campo do Lons-Hausiere, as equipes do Dublin e do Guarany, em jogo do Campionato.

OS INGRESSOS

Tem merecido a mais justa censura o gesto de L. M. B. dando ingresso aos associados dos clubes disputantes somente para o «geral» quando o que seria razoavel é que fossem ellas localizadas nas arquibancadas.

Alguns mesmo que alguns clubes pedissemos para que se deliberasse acerca de uma descompartação aos seus componentes.

A LIGA E O TUPAN

Behemote o Tupan R. B. se contenta o «mestre que lhe fez a L. M. B. para um encontro entre os «veterans» «play-offs» disse diabo e «acortado» maranhense que irá a Belém disputar o titulo de campeão do norte.

Dado o valor das contendas, a pagar será reutilizada o de resultados imprevisíveis.

Misesas fúnebres

SYLVESTRE S. DO REGO

Rezar-se-á ás 3h, ás 6 1/2 horas, na Igreja de S. João, missa em homenagem a alma de Sylvestre Soares do Rego.

O acto é mandado celebrar por Sr. Benedito Soares de Castro.

Anuncie na A HORA

versos, entoados dadas nas intelligencias e trevas nos corações. O sol formosissimo das victorias de Francisco no seculo XIII, ha de resplandecer por sobre a elevada apothose: com que a humanidade festejar o VII centenario da sua morte. E os seculos, que dobram o seu tempo na carreira do tempo, jamais laio de equipar os heróis de sua altura, que se erguem e se erguem, nem seccar os laures constantemente virentes, p'que a sua vida e ficção de vida eterna e os versos mercenários horrao o canteiro de flores que sorriam em inalteravel primavera de colheitas encastadas, nos jardins floridos da Igreja de Roma.

«Avo Cristo fu Romulo».

A VIDA E A MORTE

O verdadeiro mutualismo!

Vinte contos de réis distribuidos em 109 premios!

Vivo, terá o prestamista um dentro cento e nove premios, sendo o maior de dez contos de réis

Morto, antes de realisar o 120 sorteios receberá, seus herdeiros, 200000 para os funeraes

1º premio de	10.000\$	10 premios 100\$	1000\$
2	1.000\$	20	10\$
6	500\$	60	25\$
10	150\$	100	20.000\$

Da reforma do plano dos sorteios da

EMPRESA PREDIAL DO NORTE

Praça João Lisboa, 12 Maranhão 19—

CHAPEUS DE FELTRO ULTIMAS NOVIDADES

Caemiras em todas as cores
Brins brancos Taylor e H.J.
Chapeus de palha. Perfumarias de fabricantes estrangeiros

CASA DIAS

NAZARETH 44.

O POR-VIR.

Tivemos a visita do interessante jornalzinho «O Porvir», organ de uma pleiade de estudantes, que estampa em sua primeira pagina, os retratos do senador Washington Luiz e do commandante Magalhães de Almeida Gratos pela visita.

"CASA RIBAMAR"

OFFICINA DE LATOIRO

E' onde se concerta qualquer instrumento de musica, especialmente de metal, e fazem-se limpeza de instrumentos, desmontamentos, encaurcamentos, collocação de molas novas, etc.

Concertam-se tambem gramophones, harmonicas, contra-balxos e caedifras.

Compra e venda de instrumentos usados.

R. DE ALMEIDA

Rua Dom Francisco, 16 (Antigo becco da Sé) 30-3

ULTIMA HORA!!

Verdadeira revolução nos preços das mercadorias da

CASA GENTIL

Continuam as grandes reduções nos preços de tecidos e outras mercadorias. Novos lotes para liquidar por menos do custo!

Crepes que eram de 3500, vendemos agora a 2500

Fúlio finissimo, de 5800, agora a 2500

Cambria gaze de 2800, agora a 2500

Pecas de morim de 22 metros, frego, de 368 a 27500

Metro do mesmo mantopolito a 1300

Organdys bordadas a seta de 9000 agora a 7800

Bonics para faces veris marcos a 13500 e 2500

Ditos para os labios a 3500 e 3000

Lapis para avivar os olhos de 2800 a 1800

Modernos collares de prata de 10800, agora a 5800

Ditos imitação a perla a 5900 e 2500

Grande variedade de: beirões de brilhantes e perolas falsas a 55, 68, 85, e 105000.

Verdadeira, legitima "liquidação" de calçados para senhoras e senhoritas

Sapatos que eram de 45000 e 30000, agora vendemos a 26000 e 25000, para acabar com o affligo.

Grande sortimento de meias de seda, todas garantidas. Meias de sedas para senhoras, que em geral são encontradas a 135000 e 165000, vendemol-as a 65, 75000, 85000, 105000 e no maximo 125000!

Com absoluta garantia da qualidade!

De tudo mandamos amostras ao domicilio de quem pedir por escripto ou telefone n. 24.

Todos á CASA GENTIL

Rua da Palma canto para o Jardim Benedito Leite.

14-10

Anexo 4: Imagem da primeira edição do jornal A Hora, página 4.

A HORA - Quarta-feira, 28 de Julho de 1926

As relações entre o Brasil e a Argentina

Os discursos trocados entre o embaixador Rodrigues Alves e o presidente Marcelo Alvear, em Buenos Aires

Por ocasião da apresentação de suas credenciais, o embaixador do Brasil, sr. Rodrigues Alves, pronunciou o seguinte discurso:

«Se, presidente. Tenho a honra de depor nas mãos de v. ex. as cartas pelas quais o sr. presidente da República dos Estados Unidos do Brasil acredita no elevado carácter de embaixador extraordinário e plenipotenciário dos mesmos Estados junto à honrada pessoa de v. ex. e da nobre nação argentina e bem assim põe termo à missão do meu illustre predecessor, o sr. dr. Pedro de Toledo.

Não posso nem leve occurrir a saudade que tive quando recebi do chefe de Estado do meu país o encargo de ser, na República Argentina, o interprete fiel de sentimentos e anhelos que inspiram ao governo do povo do Brasil na recente e suas relações com a grande República argentina.

Se, porque me foi dada a ventura de conviver alguns annos, por espaço longo de tempo, neste país, que é uma affluente e harmoniosa de trabalho pacífico, guiado e amparado por dignes e capazes auctores, que identicos sentimentos e anhelos animam a alma da nação argentina.

Somos historicamente colaboradores de uma mesma politica de paz e harmonia e nunca nos afastamos do caminho que os nossos grandes destinos nos indicavam.

Aliados do passado, quando o legitimo interesse de devesse common nos prestamos nuno mesmo e elevado sentimento americano, continuamos, passada a crise dolorosa, aborrida na obra recuada e reconstrução de dar uma organização politica e liberal aos nossos povos livres e bons amigos, mantendo invariavelmente espaços de uma nunca interrompida e cordial simpatia.

Juntos e nobres emalheos idemas deixaram de existir. Assim e entre os povos. Não permitto que duas se desvirtuem, mas, no contrario, convicções no bom caminho, dando margem à expansão natural de sensas grandes riquezas e alargando se nos suas fontes de receita para realizarmos obras de utilidade common, tal o pensamento em que me hei de inspirar sempre, considerando como estou de ser esse o principal objectivo da diplomacia dos nossos dias. E esse trabalho se empenha todo o meu esforço, certo de que darei plena e completa satisfação a v. ex. e do

FABRICAÇÃO...

Um acontecimento notavel passou, pouco ha, em nossa vida social e, sobretudo, no que registamos devidamente.

E' de notar o indifferencismo que nos assobea, momentaneamente sobre coisas d'arte. Pouco li se nos dá um feilo scientifico ou literario, quando ou'ora vemos de certo o publico, a esotérica e bravia d'alegria com que a nossa gente assignalava na imprensa ou no livro a victoria da intelligencia e do saber!

Hoje, porém, o tempo é outro. Tudo mudou. O que não é farrô, de certo, faldôria e, em letras, então, o «espírito moderno» faz apenas estapidos arremessos a Marinetti com cigarros esparriçados d'Aliequim. E é o successo dos collos em masturbação literaria...

Vem isto dizer, sem titulos d'offensa, a proposito do concurso de cartographia no Lycée Maranhense. Nelle tomou parte o Bron Iretas.

Ora, sabem-no todos ser o Bron um menino, apenas com dez ou annos. Titulo sabido nuno dia, dos desastros.

Para se inscrever, d'accordo com a lei, teve carta d'emancipação. Fez-o, então, a Estal. Estudou para saber E, e o concurso, que fez, foi sua revelação dos seus talentos e da sua cultura em idade tam preciosa!

Admiraramos os projectos das cartas da congregação e os colles da véspera, que nelle viziam irrealizavel e meire d'hoje.

Sei de mim quanto se lhe possa igualar, só o concurso britannico do geographia do Raymundo Lopes aos aboves dos canaves antes feito a favor dos nossos dias. Porque, em sendo o Maranhão tam prodigo em genios, feramos d'it a honra e arranca d'ovido o nome glorioso de Gomes de Souza que devesse ser assim como um sibilo de guerra de gloria para a gloriandada estudiosa desta grande terra.

O Bron, que escreveu duas bellas toases, pezar de sua modestia quasi humilde, é um conquistador, realizando a obra consoladora d'um suave milagre — nessa quadra trauclenta em que os mecos da sua idade não pensam, nem tem outro ideal senão d'imitar Tom Mix à porta dos cinematographos ou, almodificando, a qualquer pentapedia do «ground» carocia!

Porisso, estudemos no joven e culto athenseo o resurgimento d'Athenas — patria immortal da intelligencia e do saber.

DONCRI.

Sei de mim quanto se lhe possa igualar, só o concurso britannico do geographia do Raymundo Lopes aos aboves dos canaves antes feito a favor dos nossos dias. Porque, em sendo o Maranhão tam prodigo em genios, feramos d'it a honra e arranca d'ovido o nome glorioso de Gomes de Souza que devesse ser assim como um sibilo de guerra de gloria para a gloriandada estudiosa desta grande terra.

A esta nobre tarefa, acrescento-nos nossa boa e antiga amizade com a qual pelos contatos com todo o apoio do governo argentino, com o mais decidido empenho.

Como leal amigo e provado admirador do Brasil, ao retirar os votos que o exmo. sr. presidente Arthur Bernardes houve por bem transmitir-me por vosto intermedio formulado por mimha vez os mais cordaes e effusivos sagratos pela grandera e poderio dos gloriosos Estados Unidos do Brasil, pela fidelidade do nobre povo brasileiro e pela ventura pessoal do seu primeiro magdardado.

Exmo sr. embaixador. Estava

Companhia Alliança da Bahia

(Seguros maritimos e terrestres)

Nota sobre o balanço encerrado em 31 de dezembro de 1925.

Recosta bruta, de 1925	R\$. 18.138.800\$648
Recosta liquida, idem	R\$. 3.800.973\$768
Dividendo 20 % (maximo) idem	R\$. 1.200.000\$000
Sinistros pagos, em 1925	R\$. 9.115.455\$930
Capital	R\$. 6.000.000\$000
Reserva	R\$. 20.539.022\$980
Activo	R\$. 31.226.240\$054

Responsabilidade assumida durante o anno de 1925:

R\$. 3.116.132\$10\$886

Premios de seguros do 7.º anno, dispensados em 1925 R\$. 475.556\$130

Com mais de 350 sub-agencias em todos os Estados do Brasil e no Estrangeiro e além de grande numero de reguladores de avarias no País, na America do Sul e do Norte, na Europa e na Africa, o que facilita, efficaç e promptamente, e verificação das avarias.

De 6 em 6 annos, o seguro terrestre é gratuito, razão da dispensa, só no anno pasado, de 1925, de R\$. 4.205\$6130!

A COMPANHIA ALLIANÇA DA BAHIA é a primeira companhia nacional e de toda a America do Sul, de seguros maritimos e terrestres, em recosta, capital e reservas! É a de maior produção ontre todas as companhias congengeras, inclusive as estrangeiras, que operam no País!

Os sinistros só pagos nas agencias em que os seguros tiverem sido realizados, ou onde for mais conveniente aos segurados.

Agencia Geral no Estado do Maranhão

ALVES JUNIOR & CIA.

Rua 28 de Julho, 25/27

EFFECTOS DA CENSURA

A censura redolida as noticias de que os rebeldes invadiram o interior do nosso Estado, e de instimar-se o desamocço em que se encontram a essas horas os nossos indefesos irmãos de alem-matta, pilhados, mais uma vez, de vergasa.

A censura estabelecida no telegrapho, ha concorrido poderosamente para os grandes e aborridos prejuizos soffridos pelos setentanos desprevidos.

Quando da primeira invadido pelas columnas de Prestes, alguns capitalistas do sertão aviados verdadeiras, preparavam-se para saquear os seus interesses, rumando malta para esta Capital, fugindo assim manifeestamente à unha dos incursores.

Appareceu, de repente a incabível censura, privando o interior de noticias verdadeiras, e locam os telegrammas officiaes para todos os recantos do Maranhão, procurando convencer ao povo de que nada ha, que era supposta a levassão e que as redes longas estavam de penetrar no nosso territorio.

O resultado, todo mundo sabe, foi o mais desastrosal possível.

Houve setentanos, que possuíam de cubicaveis haveres adquiridos a custa de um trabalho penoso e honrado, teve o desprazer de assistir a distribuição dos seus bens, o arrastamento impudico de suas propriedades, maldando talra, nessa hora, a medida absurda do governo.

ALMEIDA NEVES & C. LIMITADA

Casa Matriz—Maranhão Sucursal—Parnahyba
Filial—Therulesina
Exportadores de generos do País.
Endereço telegraphico—ALNEVES.

LOJA DA NOIVA

Grande fabrica de moveis, a electricidade

—DE— LEONIDAS GANDELSMAN & IRMÃO

Rua Condição Mendes (antiga de Estrada), N. 80
S. LUIZ — MARANHÃO

Importante estabelecimento apto para executar todas as obras de marcenaria pelos mais modernos processos e obedecendo aos catalogos mais em voga nos centros chics.

Fabricação geral de moveis de vime
Execução rapida e perfeta acabamento. Elegancia e Confio. 13-3

Sei de um commerciante, que está acontecendo o mesmo. Quando cuidava de occultar uns VESTE CONTOS DE REIS em mercadorias, recebeu um telegramma do governo, dizendo que se não tratava de rebeldes, sendo contando em certa com mais esta prejuizo que a mal-dia censura lhe proporcionara!

Calmo o nosso amigo, graças a esse «mitigador» telegramma, três dias depois, contrapuzo loquiberto a distribuição de sua rica mercadoria!

Esta vez, agosto em como está acontecendo o mesmo. Encontramos previamente uma capital, diversos commerciantes do interior, que, impedidos de prevenir a suas familias a aproximação dos rebeldes, sendo contando em certa com mais esta prejuizo que a mal-dia censura lhe proporcionara!

Sempre quem paga é o Coronel e o Coronel, não é outro si não o povo do sertão! Incabível censura!...

J. A.

CHARUTARIA IRIS
De Tavares & Souza

Este nobre estabelecimento com deposito permanente de cigarros, lumbos e charutos dos mais afamados fabricantes, bem como todos os artigos proprios para os fumantes de bom gosto.

Visita a Charutaria IRIS que tem o prazer de conhecer um estabelecimento ludozo e de gosto completo.

RUO BOLL! **RUO BOLL!**

Rua Cunha Machado n.º 37—Maranhão

O nectar dos deuses é a

ANTARCTICA

a predilecta dos que sabem apreciar a delicia duma boa cerveja.

21/10

Anexo 5: Imagem da primeira edição do jornal A Hora, página 5.

A "Hora" theatral

O maestro Verdi de Carvalho passou por S. Luis

Encontramo-lo no caso do porto. Sempre o mesmo. Vibrante, nervoso, triquetilo, falgado e pirador. Acompanha-o sua esposa. Tinham ido a bordo do "Itambua"...

Parce mesmo que isso é um do especial do musicista paricio. Por toda a parte por onde passa, pelos seus predicados intellectuales pontos servico de sua arte victoriosa...

—Falle-mos do «Mano de Minas» — Ah! meu amigo — e o Carvalho arregalando os olhos por detrás da vidraça amarela dos oculos de ao de lastrago...

Seguio-se a «Pequena da namorada», de Freire, junior. Para encostar conversa, visto como o «vao» não espera, busca que lhe diga que o «estragado» em toda a cidade foi, desde a estreia...

Dissemos-lo que já o conheciamos e queremos saber das outras produções do Carvalho. Anno, porém, de mudar de assumpto, o maestro contraria nos contou-nos que só no Rio Grande do Sul foram vendidos 20.000 exemplares de um dos trechos da musica do «Mano»...

CHAGAS & PENHA ARMAZENS DE ESTIVAS E MIUDEZAS Telephone 398—Telegramma «Chapenhas» Rampa Campos Mello n. 2 SAO LUIZ — MARANHÃO — BRASIL Preços sem competencia Depositarios e vendedores de sal grosso e fino, nacional e estrangeiro, sem competencia de preço. Especialistas em fumos de todas as qualidades e importadores de café de todos os tipos e outros generos

O Commercio do Codó protesta

CODÓ 20 — Um grupo de 37 commerciantes desta praça representaram à Camara Municipal contra a lei do orçamento para este exercicio, que augmentou 50% nos impostos e mandou cobrar em dobro a passagem publica do rio Itapicuri.

Quer vo a cidade, embora de raspo. As outras operetas musicadas por mim ultimamente, são: «Lindamor», do dr. Paes Magalhães; «Vida Militar», de Celestino Silva, e «Pôr de Chic», de Calisto Cortêdo, e humorista de lapis e da penna.

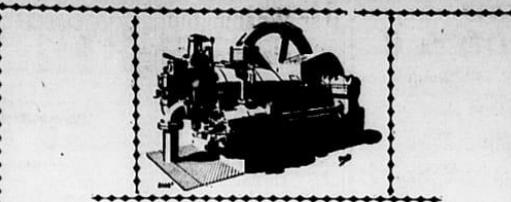
Toda esta bagagem faz parte do repertorio da Companhia que segue para Botum do Pará, onde fará uma temporada official, indo, depois, a Manaus, tambem por conta do governo. De regresso, fará a festa de Nazareth no mesmo Estado, devendo estar aqui até para novembro.

A soprano sra. Margarida Simões dará concertos aqui

Viaja para o Maranhão, tendo como passagem, boteleira, em Natal, no proseguimento de sua «tournee» artistica que tem sido uma serie de triumphos, e aplaudida cantora lirica sra. Margarida Simões, até ha pouco primeiro elemento da grande companhia Italo-Bramleira, que tem o successo logrou nas platéas da Capital do Paiz e dos principaes theatros do sul.

Da sra. Margarida Simões disse o dr. Arthur Imbassoly, critico do «Jornal do Brasil» do Rio de Janeiro: «Não conheço entre as cantoras aqui do Rio, que se destinam à vida do theatro, quem tenha em si tantos e tão apreciaveis dons vocaes; a sua cantafinção impecavel; o de admiravel rigor de quadratura; sua voz, de agradável timbre, presta ao a todas as inflexões do sentimento suas notas não deixam de ter o brilho necessario, quando se faz mister imprimir ao canto o vigor que se requer nas abstrahes de imprescindivel cor dramatica; sua escala é de notavel extensão, indo até ao primitivo mi natural acima da pauta se que ella emite com firmeza rara, tres, quatro, cinco vezes seguidas, como já tive occasião de ouvir, canta com exalta, com arte, e facil nos modulos e de precisão quasi infalivel nos pichettati.»

Sabemos que a sra. Margarida Simões dará dois concertos em S. Luiz, que, de prever, sejam concorridissimos, dada a ansiosa espera em que estão os entendidos por ouvir a



Si V. E. x. protende fazer uma installação de forza motriz para fias industrias ou de illuminação electrica, propulsoe de barcos, lanchas, rebocadores, ou navios, deve, sem duvida, proceder primeiro a uma escolha conscienciosa para que, com o emprego de um capital minimo, possa obter o maximo de rendimento. E essa escolha, feita com criterio e justiça, recahirá certamente, nos afamados

MOTORES 'OTTO' DEUTZ MARITIMOS E TERRESTRES A Gaz Pobre ou Combustiveis Liquidos, Inclusive Oleos Vegetaes Diveros, que conquistaram Grande Premio na Exposição de Automoveis e Auto-propulsoe do Rio de Janeiro. Installações completas para officinas mechanicas, serrarias, etc. Orçamentos e informações com os unicos agentes para Maranhão e Piauihy FRANCISCO AGUIAR & CIA. AVENIDA SPINDELO N. 12

'A Machina de Eserever Silenciosa' Fala só em voz baixa, porém será ouvida pelo mundo todo

A Nova REMINGTON modelo 12 é o Arauto de uma nova era nos annaes da dactylographia. AGENTES AQUI ANDRADE & C. TRAVESSA DO GOVERNADOR N. 1. Vendas a Prestações.

NOVA REVOLUÇÃO Leão & Comp. AVENIDA MARANHENSE N. 12 TEL. «LEÃO», Codigos: Ribeiro e A. B. C. J. B. E. Telephone 19 Caixa postal 46 Arrazens de Fazendas nacionaes e estrangeiras, Estivas, Ferragens e Miudezas EXPORTAÇÃO Algodão, Couros, Cera de Carnalúba, Borracha e outros Generos do Paiz. COMMISSOES E CONSIGNAÇÕES S. Luiz — Maranhão

A HORA COMMERCIAL

Recebemos circular da firma local M. Santos & C., comunicando-nos que com o fallecimento do socio chefe Manoel de Oliveira Santos e a retirada do sr. Flacido José Camões, o sr. Antonio Paiva Fernandes

TINTURARIA E LAVANDERIA ELECTRICAS A convite do seus opereros proprietarios srs. Moraes & Cauffman, visitamos, ontem, essa importante casa ha dias fundada nesta capital. Montada com um farto aparelhamento moderno e sob a direcção de competentes profissionais, a «Tinturaria e Lavandaria Electricas» vem prestando ao publico banheiros relevantes servicos nem só pela precisa de seus trabalhos como pela limpeza das roupas contadas a seus cuidados. Aos srs. Moraes & Cauffman, a «Hora» agradece a gentileza do convite e faz votos para que os seus esforços sejam coroados de exito.

Aviso A Escola nocturna proletaria «Siva Maria» do bairro de S. Pantaleão, está funcionando provisoriamente no Grupo Escolar «Mecenas Oliveira» à rua Grande.

LIQUIDO BERLE ASEPTOL

Formula do Dr. Melon de Alencar. Fabricantes: Siqueira, Gurgel, Gomes & C., Ltd.—Cará. Este maravilhoso preparado achase à venda em todas as farmacias, casas de modas e etc. Agentes neste Estado AGENCIA CRUZ Rua Portugal, n. 47—1.º and.

Que é o Sol duplo? «A Astronomia», a conhecida revista da «Sociedade Astronomica de França», em seu numero de abril passado, deu publicidade a um interessante artigo sobre o phenomeno de sol duplo. Em que consiste o sol duplo? Em uma refracção dos raios solares, visivel somente nas altas regiões da atmosphera terrestre. Um avião francez observou detalhadamente este facto em uma aeronave. As opiniões divergem. Uns acreditam que o phenomeno do sol duplo é devido aos raios refractados; outros não accellam esta explicação. Seja como for, a «geminação» do sol não é senão um effeito de optica.

Anexo 7: Imagem da primeira edição do jornal A Hora, página 7.

A HORA - Quinta-feira, 26 de Julho de 1926

A graça e a elegancia suplantam a belleza?

(Ligeiras impressões através da historia)

De Alfredo Cunha

Em todos os tempos, segundo nos pintam arietas e poetas, houve pessoas feias, mais reductoras mais colhebra palcos foram suas paradas por um rosto, não só vulgar, como tambem feio. E assim lemos buscar em as paginas da historia de conquistas, de criatura a criatura, os seus typos representativos de força e sedução. Senão, vejamos:

Cleopatra não era bonita, ao contrario, tinha feições vulgares, almas duras e um tanto masculinas. Ao menos, assim, ella se não apparece nas moedas de seu tempo.

Assim se verifica nos trabalhos de mister Goringue, autor de um livro sobre obeliscos egypcios. Como teria Cleopatra fascina de Julio Cesar e mais tarde Marco Antonio, este então, ao ponto de faze-lo abandonar seu exercito em momento critico para os seus e para os destinos do império romano e fazer recetar ao "frio" Augusto o cair em suas amorosas rédeas?

A rainha Isabel da Inglaterra, feia, ruiva, com a cara enrugada, posternas brancas e a bocca de melcor, e que, entretanto, contava amantes ás dúzias! Dize-se á que muitos destes a queriam, porque era rainha; porém, de alguns se sabe que tinham por ella paixão sincera. Um delles o Conde Essex, era um dos homens mais formosos de seu seculo e estivera tão apaixonado pela rainha, que se arrufava com ella como se arrufava dois novos, falava-lhe como singelos the fallax e, condemnado á decapitação, por ordem della, ainda a adorava e morreu beijando um anel que lhe havia offercido!

Maria Stuart era formosa como que conseguia despertar em

Plantão

HOJE

Pharmacia Nazareth, a sua Oswaldo Cruz.

Borrões, se apaixonasse tambem por elle.

Se, em vez de ser verdadeiro, fizesse parte de uma novela, a historia do celebre Paulo Scarron pareceria um disparate. Scarron não somente era feio e repulsivo, como tambem, em consequencia de uma enfermidade nervosa, tinha as pernas tão tortas que elle proprio dizia parecerem-se com um X...

Não obstante isso, quando tinha quarenta annos, conheceu a neta, D'Aubigné, formosissima jovem que, compadecida delle, prontamente via converte-se-lhe a compaixão em amor, e não pôs duvida em conceder-lhe a mão. E viveram felizes, aquelle monstro e aquella criatura de Paraizo,—prodigio de belleza e delirio de formas peregrinas, até que, por morte do primeiro, ella passou a ser esposa morganatica do rei de França, transformando-se de Mme. Scarron, em Mme. de Maintenon.

Marat era outro feio atraente.

Antes que a revolução trunphasse e sendo-se perseguido, com a cabeça posta a preço de ouro se escondeu nos esgotos de Paris, onde contrahiu uma asquerosa enfermidade cutanea que lhe augmentou a fealdade. Apesar disso, nomeo conquistou o coração de uma linda jovem, chamada Simona Errard, que o ajudou a occultar-se e lhe foi fiel toda a vida.

Quando estava no fastidio do poder, tinha Marat muitas admiradoras e, se admitiu em sua presença a sua amante, Charlotte Corday, foi por acreditar que se tratava de uma nova conquistada.

A HORA popular

AS QUERIDAS DO POVO

Os marfizes de Zetiva pedem obsequios a attenção da policia competente para a foz de proleitura, all' deixar occasionalmente a caadeira e café, em prejuizo da salutar attenção da quella populosa localidade.

Um domaggo inglês, João Wilkes, o homem mais feio do XVIII seculo, porém, um dos mais afortunados, em questão de salta, dizia:

"Eu sendo tão feio, não tenho qualque homem, por quato que seja, em questão de amor, desde que me conceda um quarto "hora de avanço".

O mais estranho, neste devaneio, é a violencia das paixões que as mulheres feias inspiram.

A senhora Schultenberg, que acompanhára Jorge I até a Inglaterra, era feia, alta e magrissima. Sua rival, outra allemã, a S-mhora Klemmewegge, era de enorme estatura e excessivamente gorda.

Os ingleses, que as nebahum fealdades, chamavam nas por chaila, Cocagne e a outra o Eliphante.

Mas o rei tanto as apreciava, que as fez Duquesa de Kendal e Condessa de Darlington. E Jorge I amou-as, aliás, tendo em reitor de si as mais formosissimas mulheres da Inglaterra.

George Sand, celebre extra nha fascinação a um dos maiores poetas de seu tempo, Alfredo de Musset, que a acompanhara á Italia perdidamente apaixonado e ella o abandonou, doente, em mãos do medico, para ir viver, durante sete annos, com o compositor Chopin, um thilun um começo de hipopisie!

Mme. Stael, "a varonil", que apaixonára Feneion, era tão atrevidamente, que nunca deixava de fazer a quantos della se lhe aproximavam.

Devemos reconhecer que, atra



DESENVOLVIMENTO NORMAL DE MILHOES DE CRIANÇAS TEM SIDO ASSURADO EM TODO O MUNDO COM O USO DA DELICIOSA Farinha Lactea Nestlé! 60 ANOS DE SUCESSOS!

ALIMENTO COMPLETO E DE RESULTADOS GARANTIDOS. PREÇO AO ALCANCE DE TODOS. A VENDA EM TODA PARTE.

MAIS DINHAM-SE A: COMPANHIA NESTLÉ CAIXA POSTAL 740 RIO DE JANEIRO QUE LHE ENVIARÁ RECETAS E APOSTRAS GRATUITAS.

Agencios— Jorge & Santos

CUNHA SANTOS & COMP.

Caixa Postal n. 5 End. Telegr. "ATHENAS"

CODIGOS: A B C 5a. ed. -- Bentley's -- Brasil - Ribeiro -- Two-in-one

S. LUIZ — MARANHÃO — BRASIL

GRANDES ARMAZENS DE FERRAGENS

Tem sempre em deposito:

- Facões de cabo de chifre COLLINS, foices, enxadas JACARÉ e ATHENAS, picaretas, pás, gadanhos, facões para canna, e machados.
- Engenhos para dessecar algodão, com respectivos alimentador e condensador. Dobulhadores de milho. Moendas para canna. Tachos para assucar e sabão
- Cabos de linha, manilha, e coto, de procedencia inglesa, americana e nacional. Lonas para velas de embarcações.
- Óleo de linhaça genuino. Tintas preparadas a óleo, de todas as côres. Vernizes, papeis de forrar casa, cimento COROA, em barricas de 50, 150 e 180 ks.
- Balanças de todas as especies, gachetas de borracha, de asbestos e de grafite. Sortimento sem igual de armas de caça, revolvers, rifles, pistolas e respectivas munições.
- Variado sortimento de talheres, trinchantes e todos os demais artigos de cutelaria.

Unicos vendedores:

SODA CAUSTICA e BARRILHA das marcas MEIA LUA e CAVEIRA. ENGENHOS PEARL para canna. FOGOS ECONOMICOS "WALLIG". MACHINAS PARA FAZER GELÓ e da afamada FERRAGEM E CUTELARIA das marcas CORNEIA e ATHENAS

Importação directa:

do conhecido ARAME FARPADO "CABEÇA DE INDIO", em rolos de 502 metros garantidos

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Fonte: A Hora, São Luís, 28 jul. 1926, ano I, n. 1, p. 7.

Anexo 8: Imagem da primeira edição do jornal A Hora, página 8.

A HORA — Quarta-feira, 28 de Julho de 1926

DO PORTICO

(Continua usção)

inteligente que vive, qual nós, em regiões feracíssimas. E si politicamente são más as condições do país, que poderemos dizer do nosso Estado do nosso desprezo da Marambaia, milventuroso rincão, frequentemente de seus proprios filhos esquecidos, ou lastimavelmente explorado?

Trabalhemos um pouco ao lado dos que mais sabem e mais podem trabalhar. Estejamos a postos a serviços dos gigantes que se empenham, em porfiada luta, pela grandeza de nossa terra, pela prosperidade do nosso Estado.

Trabalhemos com dedicação por tudo que concerne aos problemas que interessam de perto o nosso desenvolvimento politico.

Dentro destas fronteiras encontrar-nos-ão sempre os que nos procurarem. Aceitaremos luta com esta divisa e systematicamente fugiremos das que não forem em beneficio do nosso Maranhão, e a bem dos foros da Patria Brasileira, ja tao calumniada, apesar do luso e custoso corpo diplomatico que em plagas estrangeiras lhe deviam manter a alizez do nome, pelos surtos eloquentes do povo forte que nella vive, a lutar para fazê-la maior do que ja é!

De ha muito que os arrestos dessas questões nos vem impellido a pesar nellas mais do que deviamos e mais do que podemos. Muitas de nossas energias ja lhe temos dado, em espontaneo e fervoroso holocausto. As desillusões, porém, não nos desanimam, porque não entram nunca em nossos devaneios os mundos furta-credes do interesse.

"Je reviens toujours", dizia o poeta romantico do Rila. E quanto e bom volver-se depois de longa e perigosa jornada a sombra das arvores amigas da terra natal, para nellas, um dia depois de saciada a visão, adormecer para o sempre o lutador!

Sonhar de novo o mesmo sonho, alimentar outra vez o mesmo ideal de grandeza, e quasi como voltar a casa paterna, e ver deslizar ao fundo o mesmo regato inumuro, que annos atraz nos faz reviver com todos os encantos da primeira infancia!

Aqui estamos de novo com a mesma fé profunda, com o mesmo desinteresse, a viver felizes, dentro do maior sonho de nossa terra!

Serviço telegraphico da HORA

Suprindo o Amazonas

Rio, 27.—Embarcaram em Liverpool armas e munições destinadas ás garnições do Pará e Amazonas.

O thesouro remetido para a Delegacia do Amazonas trescentos contos, para pagamento das forças militares.

O futuro presidente e os direitos alfandegarios

Recife, 27.—O jornal "A Capital", de S. Paulo, informa que o senador Washington Luiz desaprova as medidas em andamento, no Senado federal, sobre os direitos alfandegarios.

O director da "Vanguarda" foi absolvido

Rio, 27.—Foi absolvido o sr. Odeas Motta, director da "Vanguarda", no processo que lhe estava sendo movido pelo deputado Marcelino Machado.

A Itabira — Iron

Rio, 27.—O deputado João Santos, da commissão de justiça, votou contra o contracto da Empresa Itabira-Iron.

Os telephonios no Rio

Rio, 27.—A Corte de Apellação julgou o recurso interposto pela Light and Power, contra a decisão do juiz de feitos da fazenda municipal, que annullou o contracto de telephonios, confirmando a sentença recorrida.

Os desembarcadores em Goyaz, e o "Democrata"

Rio, 27.—Os ministros do Superior Tribunal de Goyaz enviaram ao presidente Arthur Bernardes um telegramma reclamando o facto do jornal "Democrata", de propriedade do senador Calafada, que insiste diariamente, em injurias e calumnias áquelle Tribunal.

O telegramma afirma que o letterto do "Democrata" é desacatar as decisões do Tribunal, o que faz seu linguagem insultuosa.

Diz tambem o mesmo despacho que o executivo ha muito não cumpre as sentenças, ameaçando de desistituição todos os desembarcadores.

Os signatarios do telegramma citado, representando quatro quintos da totalidade do Tribunal, antes de recorrerem ao Supremo Tribunal Federal, julgaram me-

libor do occorrido o primeiro magistrado da Nação.

Alguns dos informantes foram demittidos por serem funcionarios estaduais.

Pessoas de destaque naquelle Estado protestam solidariedade.

Dr. Nogueira da Silva foi distinguido

Rio, 27.—Para substituir o professor Lucilio Carloto, na Sexta enfermaria da Santa Casa, foi nomeado o dr. Nogueira da Silva cathedratco da Escola de Medicina.

Eugenio jardim Homagens posthumas

Rio, 27.—O sr. Olegario Plato necrologico, na Camara, o sr. Eugenio Jardim.

A sessão foi levantada em signal de pesar.

RIO, 27.—No Senado, o sr. Soares dos Santos mencioou a homenagem de pesar ao sr. Eugenio Jardim, em nome da minoria.

A sessão foi suspensa.

O tenente Chevalier classificado para Obidos

RIO, 27.—O tenente Chevalier, revolucionario, preso recentemente, foi classificado no quarto grupo de artilharia aquartelado em Obidos.

O orçamento da viagem

RIO, 27.—Na Camara, foi lido o parecer sobre o orçamento da viagem, pelo relator deputado Oliveira Botelho.

O S. T. denegou "habenas-corpus"

RIO, 27.—O Supremo Tribunal denegou o "habenas corpus" solicitado em favor do tenente coronel Djalma Oliveira e outros presos politico.

O dr. Carlos Chagas voltou para a S. P.

RIO, 27.—O dr. Carlos Chagas reassumiu a directoria da Saude Publica.

Amanhã:

Hermínio Bello, secretario da L. M. S., fala na "Hora" sobre o momento desportivo.

Bo no pavimento terreo do Congresso do Estado, não se comprehende bem que hoje terminem ao mesmo preço.

Não ha duvida que no predio actual a situação é mais adequada ao mister, luz e ar em abundancia mas, em compensação, a menos que tenham desaparecido livros e documentos da antiga Bibliotheca, a deficiencia de espaço deve ser maior do que naquella epoca, pois hoje, existe ali, enriquecendo o nosso archivo literario, parte da Collecção Arthur Azevedo e grande somma de objectos adquiridos n'esse periodo.

O acto inaugural constará da abertura da porta principal do edificio e brastamento do pavilhão do Estado, pelo commandante Magalhães de Almeida.

A frequencia ao publico será mais tarde, quando estiver organizado o catalogo.

BOLETIM DO TEMPO

Synopse do tempo occorrido de 8 h. de 26 de 18 h. de 27 de julho de 1926.

Em S. Luiz—O tempo foi bom até pela manhã de 27, quando se tornou máo, cahido chuva, ora fraca, ora forte, no resto do periodo o breijo solar foi fraco e o vento instavel. A temperatura maxima foi de 28.8 e a minima de 18.6.

Coroaá—Tempo bom com máo melhada e vento regular. Max. 30.9 e min. 18.1.

Gratijiá—Tempo bom com tempo = máo fria. Max. 32.6 e min. 19.6.

Imperatriz—Tempo bom com máo melhada e resto quieto e calmo. Max. 32.6 e min. 14.1.

Turmasil—Tempo instavel, com céu poe vras accobriado e vento fraco. Max. 30.1 e min. 19.9.

B. Javiti—Tempo instavel, no lido agueiro pela manhã. Max. 29.6 e min. 21.6.

Em outros pontos—De 14 h. de 22-8. Foram recolhidos 26 milímetros de chuva.

Se. Estado—De 14 h. de 26 de 14 h. de 27 de julho de 1926.

B. de Coráa—Tempo bom com céu limpo e madrugada fra. Max. 30.6 e min. 18.5.

Casias—Tempo instavel com forte melhada e vento brando. Max. 32.5 e min. 16.7.

Coroaá—Tempo bom com máo melhada e vento regular. Max. 30.9 e min. 18.1.

Gratijiá—Tempo bom com tempo = máo fria. Max. 32.6 e min. 19.6.

Imperatriz—Tempo bom com máo melhada e resto quieto e calmo. Max. 32.6 e min. 14.1.

Turmasil—Tempo instavel, com céu poe vras accobriado e vento fraco. Max. 30.1 e min. 19.9.

B. Javiti—Tempo instavel, no lido agueiro pela manhã. Max. 29.6 e min. 21.6.

Em outros pontos—De 14 h. de 26 de 14 h. de 27 de julho de 1926.

Belim-Pará—Tempo bom com céu meio limpo vento moderado e ligeira melhada. Max. 32.8 e min. 22.8.

Therzinas-Flechy—Tempo bom e quente com céu quasi limpo e vento fraco. Max. 36.6 e min. 18.6.

DACTILOGRAPHIA

Na rua Collares Moreira n. 19 confecciona-se qualquer serviço de dactilographia por preços modicos 33-3

Anuncias na A HORA, que terei bom proveito

CANDIDO RIBEIRO & COMP.

CODIGOS: -- Borges, Ribeiro e A. B. C. 5a. edição

Endereço Telegraphico - KERMESSÉ #*000*# CAIXA POSTAL N. 102

Fabrica "São Luiz"

Fios de rêde, de 2, 3 e 4 pernas, da acreditada marca "ANCORA"

Fabrica "Santa Amelia"

● Os afamados brins America, Joffre e Belga, riscado Bisboeta ●

VENDAS A^o DINHEIRO

Anexo 9: Artigo em homenagem a Antonio Lobo, assinado por Valério Santiago.

Antonio Lobo

Foi inaugurado, hoje, pela manhã, na sala de honra do Liceu Maranhense, o retrato de Antonio Lobo.

Professor, jornalista, propagandista científico, tribuno e homem de letras, Antonio Lobo foi, sem dúvida, uma das figuras mais representativas do Maranhão mental desses últimos tempos.

Apareceu, projectando-se em evidência, como poeta e orador, em 1888 quando ao lado de Aluizio Porto, e d'outro, clamava na praça publica, pela liberdade dos negros. Era uma pleiade de novos, quase todos estudantes, que, com desassombro e brios teciam formosas lóas ao grande ideal. Em 89 veio a Republica essa nossa republica doutrinar e philosophica, victoriosa pela espada do general Deodoro da Fonseca, que, com um caustico aberto no figado desmanchando-se em suores e soffrendo dores tremendas, heroico a proclamou fazendo bella montaria como se estivesse nos campos do Paraguay, de onde trouxera fulgido renome de militar valente.

A mocidade louvava-se, então, nessa respeitavel figura legendaria que dera vida ás lições de Benjamin Constant, que realizara o sonho que muitos annos atrás havia sido patrioticamente sonhado, por Felipe dos Santos, em Minas.

Antonio Lobo e seus companheiros viveram, então, dias brilhantes nesta cidade, falando e escrevendo sobre formosissimas theses politicas que eram questões vigentes daquelles dias afestoados de civismo, santificados pelo sentimentos mais acrisolados de nossa nacionalidade.

O poeta que nelle havia, cedo desapareceu: mas surgiram, polidos e robustos engenhos que adquiriram com os annos grande desenvolvimento e com os quaes, festejado sempre pela mocidade maranhense, fez a

Leite condensado

NOV

Chegado hoje

ITAIM

A' venda nas principaes

43-3

O sorteio militar

Rio, Abril de 1928 (Especial para a Hora)

Instituida, ha cerca de vinte annos, quando ministro da Guerra o marechal Hermes, a lei do sorteio militar ainda não conseguiu a sua perfeita applicação, tornando-se, ao contrario, um elemento de subversão da vida nacional, porque com os seus aleijões insanaveis só poderá atrophiar todos os ramos da nossa actividade de nação politicamente organizada.

A nossa mocidade jamais se mostrou avessa ao preparo militar, para, no momento preciso vingar a nossa soberania. Logo nos primeiros tempos da referida lei, o voluntariado accorria a caserna cheio de um grande entusiasmo patriotico. Por todas as cidades do interior, surgiam rigorosas linhas de tiro que eram um estímulo para a juventude repontante. Por um phenomeno psychologico, muito commum, aquella instituição, talvez sem saber, exaltando nos espiritos juvenis o sentimento patrio, todas as vezes que realizavam a sua marcha pela cidade, desfraldando, ao sopro da nossa brisa tropical, o pavilhão auri verde, fazendo ecoar nas quebradas das nossas montanhas ondulantes o som marcial dos clarins e dos tambores... Por esses momentos,

e util actuação; e onde, após brilhante concurso, leccionou Logica, recordemos lae o perfil intellectual, e á sua familia expressemos com os nossos respeitos o nosso saudar, por motivo dessa homenagem singela, mas significativa.

A mocidade maranhense levantou-lhe um monumento na praça publica. Agora o governo do Estado, modesta, mas eloquentemente, colloca lhe a effigie ao lado daquelles grandes nomes que no passado tão grande nos fizeram, e que ainda hoje pelo muito que nos legaram, continuam a dar maiores fulgurações á sumptuosa corôa de lume de nossa famigerada mentalidade.

Fallencia da Caixa Popular

Aviso aos interessados

O syndico da massa fallida da «Caixa Popular» Sociedade Maranhense de Seguros e Pensões, com sede nesta cidade, á Praça Benedicto Leite, n.º 2 (baixo), previne aos interessados que estará diariamente, no escriptorio da sociedade fallida, das 9 ás 10 horas, para attendel-os prestando os esclarecimentos que lhe forem solicitadas e praticando os mais actos que a Lei lhe impõe.

Maranhão, 26 de junho de 1928.

O syndico
ANTERO SEGUNDO DE MATOS.

VALERIO SANTIAGO

Anexo 10: Artigo em crítica a fala de Fran Paxeco acerca do título maranhense de "Athenas Brasileira".

O sr. Fran Paxeco e a mentalidade maranhense

Estamos atravessando uma época em que se passam coisas verdadeiramente surpreendentes. Não nos cansamos de repetir esta verdade que ha dois mil annos, Calino, o eterno Calino de todos os tempos, descobriu entre a gente de tão recuados dias, quando começaram a aparecer os primeiros ataques dessa inextinguível sanidade que até hoje com dentes de cachorro e unhas de gato, persegue a humanidade.

Nossa terra, então, está a merecer um «breve» de toleima, a que faz jus. sem que ninguém o possa contestar por um punhado de coisas incongruentes, ridiculas e absurdas que nesies ultimos tempos aqui si têm desenrolado com ou sem licença do douto Luizinho Vianna, que perfitou um sargento instructor de um tiro de guerra ao lado de autoridades escolares e de professores do Liceu...

A palermice chocadeira foi erigida em instituição e entrou a zurrar, sem embargo da espectativa do grande publico.

Regista-las todos os dias seria trabalho por demais cansativo a que se entregaria quem quisesse por pouco preço, curar achôques de neurostenia, e fazer depois prescrição de marcolla para curar o estomago.

Algumas há, porém, que, por notorias, não podem escapar ao registro da imprensa.

...

Ora sabem os leitores que o sr. Fran Paxeco, resolveu, afinal, atravessar de novo o Atlantico. Da primeira vez, fê-lo sem asas, e sem asas se aventura a mesma empreitada. Segundo nos informam, lá se vai o homem para as Espanhas, saudoso do pirarúci do Amazonas, do tacacá paense, desse nosso arroz de cochilá, e não menos da cocada maranhense, saborosa mais que todas as cocadas destes brasis ardentes.

O sr Fran não podia atravessar o Atlantico sem dar seu adeus ao Maranhão. Gestu louvavel esse, que revela um tributo do affecto e da gratidão.

Fran Paxeco aqui chegou depois de peripiecias que não vale a pena recordar, sobrando umas páginas insulsas, *O Sangue Latino*, que lhe custou um susto e uma carreira lá nas terras veneraveis do sr. Luis de Camões de Fran cisco Manoel de Mello, e outros paredes inesqueciveis do intellectualismo português.

Aqui vivendo, recebeu tonicoes restauradores deste povo ludivioso, o mais boncheirão que conhecemos. Aqui, o sr. Fran Paxeco teve a dita de se fazer historiador, geographo, critico, cirographo e o mais que lhe soube ao paladar. Também grande entor de estatística.

Ninguém lê o que elle se creveu. *Angala e os Alentejos*, pesa nas prateleiras dos livros e nas bibliotecas particulares. *A Geographia do Maranhão*, dilúvio, chaos, orco ou o que queiram, ficou desconhecida dos estudantes. *O sr. Theophilo Braga e a literatura Portuguesa* — devorou o esquecimento.

Mas pouco importa não conseguisse leitores. Elle foi aqui o que quis ser, e por isso justificamos a sua gratidão.

Amigos e admiradores seus fizeram-lhe grandes festas, o que justificamos e appauiamos. Não lhe falaram nas obras, nem nas vantagens que houve de sua leitura a mocidade maranhense.

Não lhe elogiaram o estylo, nem a dialectica, nem a oratoria por que não quiseram, pois ninguém lhes prohibia que o fizessem, mas lhe mostraram as suas duas grandes obras — a *Faculdade de Direito* e a *Escola de Pharmacia*.

Abstrairam-se do homem intellecto e foram de rumo certo sobre o homem-energia. Não houve mau proposito, está claro, nessa attitude toda de restrição, que sensivelmente amafanhou os talentos do sr. Fran. Aconteceu essa coisa, como acontece muitas vezes na terra, onde todos as coisas más acontecem.

E natural que o sr Fran se aborresse com essa amputação ao seu merito. E pigarreando (o pigarro no sr. Fran é signal certo de descontentamento ou desconcerto) preparou a phrase fulminante, com que sanaria a falta imperdoavel de seus amigos e admiradores.

E a phrase espirrou na Escola de Pharmacia: Diz o *Imperial* de hontem: «Alludiu ao seu trabalho no Maranhão, explicando a que se impleta, sobremodo a lutar pelo seu progresso (do Maranhão) foi o facto de haver notado que o Maranhão era chamado Athenas Brasileira MENOS COMO UM TITULO DO QUE COMO ALGUMA».

Essas cusparadas do sr. Fran, diz o *Imperial*, FOI ABAFADA POR UMA SALVA DE PALMAS!!! Os tres pontinhos de admiração são nossos.

O sr. Fran quiz dizer e disse que o apposto com que nos laurearam o nome da terra natal, não representa uma conquista, uma victoria da nossa intellectualidade. Não é bom um título, diz o bisborria, mas é melhor uma *alcunha*.

O Paixão, o nosso Paixão, tem por alcunha — *desambargador*. Aquelle grande maranhense que fez o Amazonas, Eduardo Ribeiro, ficou conhecido pela alcunha de *Pensador*, por que fez parte da redacção de um periodico de combate, que aqui florescia, ha muitos annos que se chamava *Pensador*.

O sr. Campos Salles, que foi presidente da Republica, ficou conhecido pela alcunha de *Pardo*, o sr. Affonso Penna, pela alcunha de *Theodor*; o sr. Prudente de Moraes, pela de *Biriba*, e parece que o sr. Washington Luis ficará para todos os effectos — o *Paulista de Macahé*.

Tiradentes era a alcunha do maior martyr da Inconfidencia Mineira. *Conselheiro* era a alcunha daquelle allucinado, que fez a tragedia de Cauçios.

Pois bem, o sr. Fran descobriu que a alcunha do Maranhão é *Athenas Brasileira*, e não menos um titulo, porque no entender do sr. Fran, não merecia tal renome intellectual. Chamaram o Maranhão de Athenas como poderiam chamar o de Beocia, ou Barataria. A alcunha é assim. Um dia um sujeito se lembra de chamar Beltrano de Palito ou lata de graxa, por isto ou por aquillo e toda gente começa a chamar-o assim, e prompto! Ficou a alcunha!

Foi no entender ao sr. Fran o que aconteceu ao Maranhão. Alcanharam-no de Athenas Brasileira!

Quando o sr. Fran aqui chegou sobraçando o seu precioso *Sangue Latino* comprehendemos esse surto de asneira desse camarada que apenas nos deixou livros que ninguém lê e mais nada.

De uma feita elle pegou da penna e escreveu que Silvio Romero era um nullo!

O laureado auctor da *Historia da Literatura Brasileira* referiu-se de raspão ao seu ataque quando respondeu a José Verissimo trocando-lhe o F de Fran em T e acrescentando-lhe uma syllaba formada da bilabial forte e da vogal fundamental portugueza.

O Mo organ da *Petaria Espiritual do Ceará* respondeu-lhe com uma allegoria numa pagina: uma grande locomotiva a romper victoriosas, por larga

A. F. d'Almeida & Cia. Ltd.
 Importação e exportação
 Commissions e consignações
 Compram aos melhores preços do mercado algodão em pluma, couros espicados salgados e de viad, ba-basé, cascos de tartarugas e buzo de peixe.
 End. Tel. AFAU — Telephone 206
 CODIGOS: Mascote, A B C 5a. ed., Bently's
 TRAVESSA MARCELLINO ALMEIDA, 25
Maranhão--Brasil

O plantão
 Fará o de hoje a pharmacia Conceição a rua Oswaldo Cruz.

PASTA
ORIENTAL
 O MELHOR DENTRIFICIO
 A venda em todo o Brasil

A HORA religiosa
 Catholicismo
 Haverá missas amanhã nos templos seguintes:
 —Cathedral e Santo Antonio, ás 7 horas; S. Pantaleão, Hospital Portuguez, Santa Casa, ás 6 horas; S. João, N. S. da Conceição, N. S. do Carmo, Collegio Santa Theresa, N. S. dos Sacramentos, ás 8 1/2 horas.
 Serviço de missas aos domingos e dias santificados
IGREJA DO ROSARIO
 Missas aos dias ultimos ás 6 1/2 e ás 8 1/2 horas
 Bênção do Santissimo 16
 Catecismo quintas e domingos ás 8 1/2 horas
 Igreja do Carmo
 1.ª ás 5 horas da madrugada
 2.ª ás 6 1/2 horas
 3.ª ás 8 1/2, missa conventual
 Missa ás 6 1/2 horas
 Hospital Portuguez
 Missa ás 8 horas
 Anã
 1.ª ás 5 horas da madrugada
 2.ª ás 7 1/2, missa parochial.

Lolam a 2a. e 3a. pagina

Paxeco, com o seu pigarro e o seu par de olhos, a dá a sua cusparada sobre tudo isto! E ganha uma salva de palmas!

Está certo!

Que lhe teria dito, a bordo, num formoso discurso, o nosso brilhante confrade dr. Carlos Reis, que lhe foi levar as derradeiras despedidas do saudades da nossa gente, lá no solo das ondas, para que ventos galernos vão ás olivas do sr. Fran repetindo da vez a vez o seu panegirico a Pytharo, de envolta com o fragor das vagas que lhe darrão a impresso do pranto derramado na nénia sentida que nesta cidade se entoude pelo s. e adeus de mão fechada?

...

Fonte: O sr. Fran Paxeco e a mentalidade maranhense. A Hora, São Luís, 9 jul. 1928, ano III, n. 158, p. 1.

Anexo 11: I Artigo em crítica a Luis Vianna quanto a sua atuação frente ao cargo de Diretor da Instrução Pública.

O sr. Luis Vianna

Deixou o cargo de Director Geral da Instrução Publica e o de Director do Lyceu Maranhense o sr Luis Vianna, que, segundo dizem os jornaes desta cidade, a esta hora vae a bordo do «Itaimbó», com destino a S. Paulo, onde o aguarda importante emprego no Butantan.

Nós que por varias vezes nos occupamos de sua actuação á frente de tão importante serviço de que depende a grandezza do Estado, nós que apontamos deficiencias e desastres na sua perfil mal desenhado de pedagogista, não pudemos deixar de fazer as considerações finais de nossa critica, com o que terminamos, neste particular, nossa tarefa.

O sr. Luis Vianna deixou a «Escola Modelo Benedito Leite», nas mesmas condições em que a encontrou, funcionando com o regime de um vasto grupo escolar, e consequentemente, sem as vantagens que lhe são proprias e que deveriam enobrecer-lhe o criterio pedagogico, como escola de applicação do alumno mestre.

Esperavamos que a Escola Modelo voltasse a ter o mesmo brilho que tanto a distinguiu ao tempo que lhe dirigia os destinos a proficiencia de Barbosa de Godois que lhe imprimiu, apesar de sua installação num prédio condensado cunho apreciavel, seja pela divisao de trabalho, seja pela systematisação dos processos de ensino, seja, pelo aproveitamento do abundante material de que esse estabelecimento dispunha, como ainda dispõe.

Ali, o sr. Luis Vianna nada fez que mereça louvor. Antes pelo contrario, retirou o caracter de unidade no ensino e pratica dos methodos e processos das diversas disciplinas, caracter que até então vinha sendo mantido pela acção conjuncta na directoria da Modelo e da Escola Normal, ou posteriormente, com a Directoria do Lyceu Maranhense.

Hoje, si se perguntar quaes os methodos e processos empregados ali no estudo, e por que se dirige o alumno mestre, ninguém saberá responder. Dali fugiram as normas de ensino por que não há preconisação de nenhuma dellas, a não ser para o ensino de linguagem que, não sabemos por que intuitos, ficaram adoptadas a lições de Montessori.

Mas nesta adopção há, mesmo assim um erro que vale por um desastre até certo ponto irreparavel. Por que enquanto aqui na capital as lições de Montessori vão aos trancos e barrancos, no interior do Estado continuam o methodo analytic e, em certas localidades, não duvidamos acreditar, o synthetic. Maior barbaria, pois, veiu estabelecer a tal medida.

Mais apoucados serão os resultados a colher, porque o sr. Luis Vianna não tomou as necessarias medidas para que o Montessori ficasse perfeitamente comprehendido pelas professoras normalistas, nem determinou, como era de esperar, um estado das professoras do ensino da baixada, nesta cidade, para fazerem um tirocínio vantajoso.

Então a mudança de um methodo de ensino de linguagem faz-se apenas numa circular?

Mas procuremos saber o que conseguiu o sr. Luis Vianna de proveitoso para o ensino primario.

Ninguém o sabe, ninguém o prova.

Não suscitou ao governo do Estado medidas attinentes a transformar em realidade o ensino primario no interior, onde é falha a fiscalisação, onde urge sejam tomadas medidas efficazes no sentido de se fazerem sentir resultados que correspondam ás brilhantes aspirações do governo do Estado.

O sr. Luis Vianna que vinha restaurar a Instrução Publica do Maranhão, como toda gente de boa fé acreditava, por motivo de seus apregoados meritos, si bem que fizeste o seu curso de professor—normalista com um punhado de significativas notas de simplesmente, nada alvitrou, concebeu que todos os grupos escolares da capital ficassem por bem dizer, sem fiscalisação, assim como as escolas insuladas e cursos noturnos. Concebeu ainda mais que os collegios equiparados ficassem com uma fiscalisação pro formula, justamente quando, eliminou o unico meio que o governo tinha de fiscalisar esses estabelecimentos, que era a obrigação em que estavam de prestar perante as mesas de exames do curso profissional do Lyceu Maranhense, os exames finais.

Ninguém nunca comprehendeu a orientação pedagogica do sr. Luis Vianna que, deixando a direcção da Instrução Publica do Estado, não correspondeu absolutamente á espectativa do governo, que nelle confiou tão arduo, quanto importante committimento.

Ainda bem que em carta que dirigiu a s. exc. o sr. Presidente do Estado declara que este sempre lhe deu plena liberdade nas suas deliberações, e franco apoio. Sendo, assim, não poderá allegar o sr. Luis Vianna que no exercicio de tão arduas funções, sua vontade houvera sido tolhida pela coacção sobre elle exercida pelo governo.

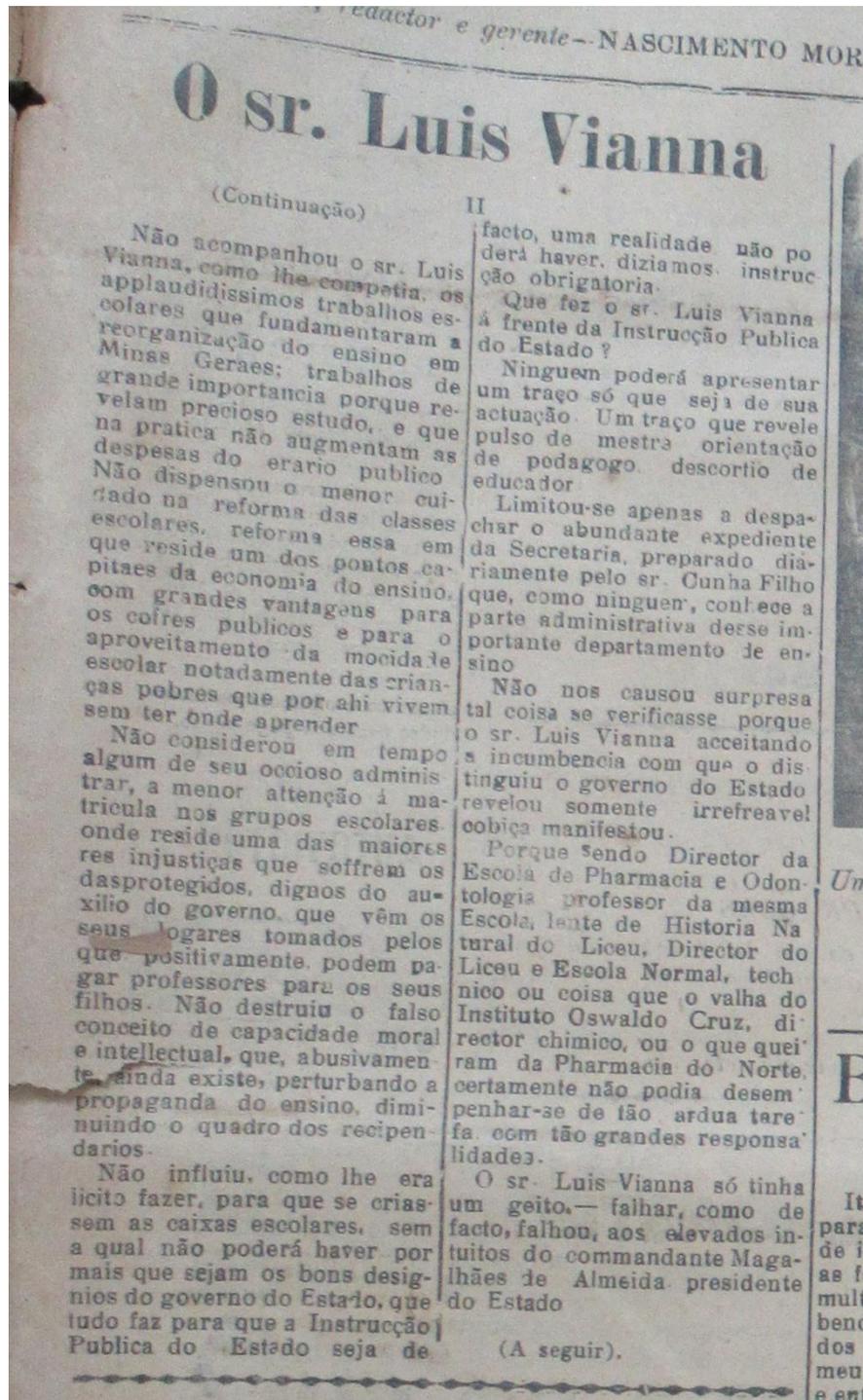
O sr. Luis Vianna encareceu-se de fechar a si mesmo a unica porta porque podia fugir á responsabilidade que lhe cabe na sua desastrada administração.

—A seguir.

Annunciae
na HORA
que o lucro é certo

Fonte: O sr. Luis Vianna, *A Hora*, 23 ago. 1928, ano III, n. 183, p. 1.

Anexo 12: II Artigo em crítica a Luis Vianna quanto a sua atuação frente ao cargo de Diretor da Instrução Pública.



Fonte: O sr. Luis Vianna II. *A Hora*, 25 ago. 1928, ano III, n. 195, p. 1.

Anexo 13: III Artigo em crítica a Luis Vianna quanto a sua atuação frente ao cargo de Diretor da Instrução Pública.

O sr. Luis Vianna

III

(Conclusão).

No Lyceu Maranhense sua actuação foi, do mesmo passo apagada. Parecia, a principio que o sr. Luis Vianna ia reformar o estabelecimento, collocando-o num plano de grande utilidade, aproveitando tanto quanto possível o seu aparelhamento para dar à mocidade maranhense os conhecimentos do curso secundario, de que tanto precisa.

Esperava-se que elle achasse a formula que conciliasse os interesses dos estudantes que precisam de que o governo os auxilie em alguma coisa. Não tencionando esses estudantes seguir um curso superior, carecem, entretanto, de conhecimentos que só se adquirem em algumas cadeiras do curso gymnasial.

Não acompanhando o sr. Luis Vianna o que se está passando sobre a materia nos centros adiantados até mesmo a direcção que está tomando o mesmo na capital da Republica; não conhecendo as idéas preponderantes de publicistas e pedagogos americanos, notadamente os da Argentina, Uruguay, Chile, sobre a instruc-

N'um postal

A' KAUASSÚ

Em vão tenho procurado esquecer a magua, que me proporcionou a tua ultima confidencia.

Um não sei que de estranho se apossou de meu espirito e quanto mais procuro distrair a impressão que me causou tuas palavras, mais viva se retrata em meu coração, as scenas, que me descreveste. Acabrunhado e triste, vejo passarem-se os dias indifferentemente e creio mesmo, que, já não sinto mais, aquelle desejo ardente de ouvir tua voz divina! Tudo em mim mudou e já estou quasi que convencido que teu nome, não mais impressionará, aquelle que, bem sabes, fô teu melhor amiguinho.

Adeus,
25/8/928
KRUMARÚ

Fol para Portugal

Rio, 25 — Embarcou para Portugal o capitão Argona, allí vai a chamado do general Carmota.

que felizmente se livrou o presidente do Estado, que, sabem todos, procura por todos os meios promover a grandesa do Estado, o que, de facto, vai conseguindo, pelos departamentos publicos, onde não ha um Luis Vianna, e que são quasi todos pois que no genero não se encontram, felizmente, muitos, em nossa terra.

Fonte: O sr. Luis Vianna II. *A Hora*, 27 ago., 1928, ano III, n. 197, p. 1.